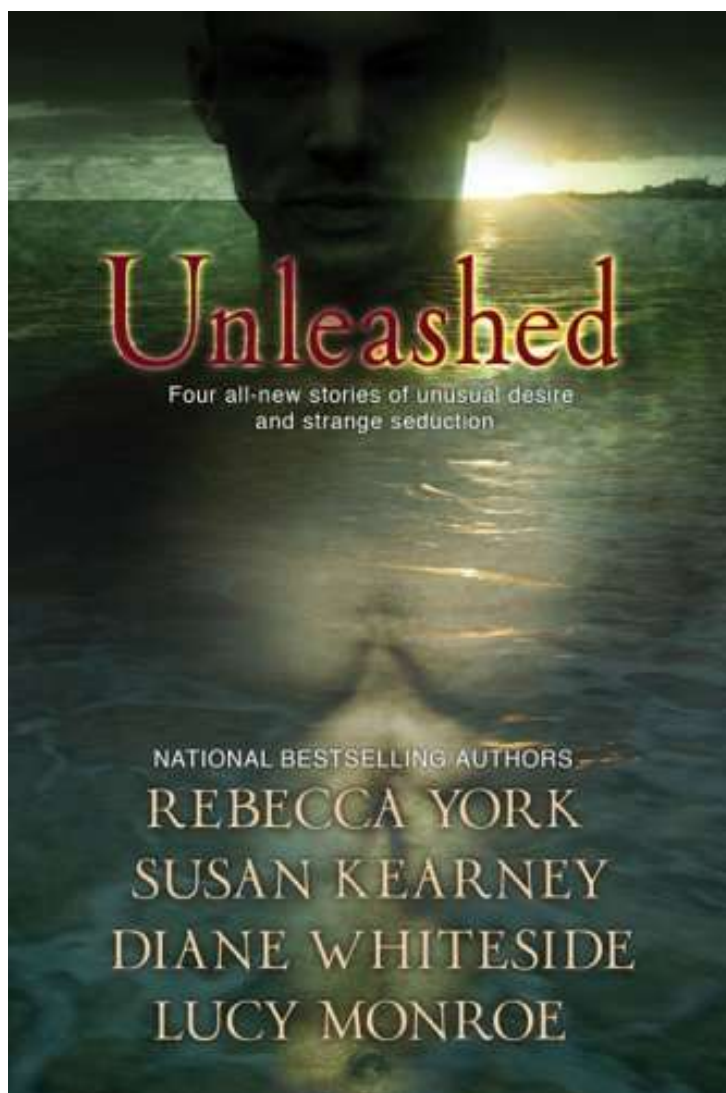


Que nasça a Lua

Lucy Monroe
ANTOLOGIA UNLEASHED



Revisão Inicial: Jéssica Hitomi

Revisão Final: Ca Ribeiro

Checagem: Kátia Maria

Formatação: Dyllan



Ty MacAnlup viu a tragédia que o acasalamento entre um homem lobo e um humano pode causar, e ele não quer isso para ele, não importava o quanto seu corpo e seu coração queiram provar a suavidade de Frankie.

Frankie ama Ty há anos e mesmo não sabendo que ele é um homem lobo, ou mesmo que tais coisas existem... para ela, ele é e sempre foi mais do que um simples homem.

Quando eles ficam presos em uma cabana em meio a uma tempestade de neve, a besta dentro de Ty pode causar estragos em sua determinação de ficar longe de Frankie.



Capítulo Um

Frankie assistiu o lobo de pelagem castanha macia e lustrosa correr em direção a ela através da clareira, seus movimentos corporais perfeitos com uma graça de tirar o fôlego.

Ela deveria estar assustada, mas não estava. Ela já havia encontrado o lobo muitas vezes antes, sua mente lhe dizia, entretanto ela não pudesse lembrar de nenhum momento claramente.

O sol do verão esquentou sua pele nua onde ela se reclinara na grande pedra ao lado de um pequeno lago. Com um pé oscilado para fora ao seu lado, seus dedos arrastavam na água. Ela havia nadado nua, mas sua nudez não a incomodou. Não havia ninguém ali para vê-la, exceto o lobo.

Ele parou a mais ou menos dez metros de distância e fixou seu olhar azul nela, seus olhos que ardiam com uma inteligência que ela podia jurar ser humana. Ele não rosnou ou mostrou seus dentes. Suas orelhas não se retesaram. Ele não fez nenhum sinal de agressão.

Ele simplesmente olhou para ela.

Ela não entendeu o porquê, mas algo dentro dela vibrou e seu corpo se aqueceu com um rubor que não fazia nenhum sentido com a situação. Ele era só um lobo, mas os olhos que se encerraram nela era o olhar de um homem ou então sua tola imaginação assim fantasiou.

Ela não se moveu... não podia se mover, porém ela sentia um breve instinto de se cobrir. O lobo avançou até estar à distância de um toque, um som que veio do fundo de seu peito, mas não era um grunhido. Quase soava como prazer.

Ele cutucou seu ombro com o focinho e ela ofegou. Sua boca abriu e... ele iria mordê-la?

Ele lambeu as gotas d'água que escorriam em seu pescoço de seu cabelo ainda molhado. Ela se arrepiou e ofegou novamente. Então, como se estivesse num sonho, ela levantou a mão e tocou o lobo, correndo seus dedos por sua pele sedosa. O som que vinha de seu tórax ficou mais alto.

Sentindo como se fosse a coisa mais natural no mundo, ela o aninhou como se fosse um pastor alemão, Snoopy, e apenas como Snoopy, o lobo retornou o gesto afetuoso. Então sua cabeça surgiu, suas orelhas empertigaram-se, como se ele pudesse ouvir algo que ela não podia.

— O que é menino? — Ela perguntou suavemente.

Ele agitou a cabeça e dançou para trás, seus movimentos eram tão graciosos que ela o invejou.

Ela era conhecida por sempre tropeçar sobre os próprios pés. Talvez fosse por isso que Ty nunca olhou para ela como uma mulher - ele era tão ágil quanto o lobo. Provavelmente seu jeito desajeitado a afastou dele.

Uma rajada súbita de vento ergueu seu cabelo e sua massa úmida rodou ao redor de sua cabeça, bloqueando sua visão. Quando ela o tirou de seus olhos, o lobo havia sumido.

Ele de fato estivera lá?

Sua mão se ergueu por vontade própria e tocou onde o lobo lambeu seu pescoço. Sim, ele tinha sido real.

Desapontada por ele ter sumido, mas movida por uma vontade que ela não entendia, ela se pôs em pé e mergulhou no lago. A água se fechou sobre sua carne desnuda e a acariciou como as mãos de um amante que ela imaginava, mas que nunca havia sentido.

Se apenas Ty estivesse ali. Mas se ele estivesse ela não estaria nadando nua e ele não a tocaria do modo que ela desejava.

O pensamento mal se formara quando algo mergulhou na sua esquerda, e ela sentiu uma mão agarrar seu tornozelo e puxar. Frankie chutou com seu outro pé, mas assim como rapidamente foi agarrada, também foi solta e ela atingiu a superfície. Ela tragou o ar e virou a cabeça, tentando ver quem estava na água com ela.

A cabeça loira de Ty apareceu na água bem em frente a ela enquanto um par de fortes mãos masculinas fechava-se sobre sua cintura.

— Não faça... — ela arquejou, incapaz de aceitar que seus pensamentos haviam tomado forma física.

— Não faça o que? — Ele perguntou, seus olhos azuis lembrando-a tanto do lobo que vira, por um segundo, ela ficou muda.

— Você me assustou... quando você agarrou meu pé. — Ela finalmente se esforçou para falar.

Ele sorriu malicioso, puxando-a para mais perto pela água. — Mesmo?

Seus corpos se tocaram e ela gemeu.

— Qual o problema, Frankie? A água está muito fria?

— Eu estou nua, Ty!

— Eu sei. Eu vi você. — Suas mãos se deslizaram para sua parte inferior nua em um movimento que ao mesmo tempo a chocou e a intrigou. — Eu posso sentir você também.

Oh, uau. Ela nunca havia sido tocada assim antes, mas ela gostou. E muito. — Eu posso sentir você também. — Ela sussurrou sem ar, incapaz de acreditar no que estava acontecendo.

Parecia que ela queria que Ty a visse como mulher havia tempos, mas nunca em milhões de anos ela esperaria que ele a tocasse daquele jeito. Ele normalmente se virava e olhava para o outro lado quando havia o risco deles ficarem fisicamente muito íntimos.

Sua boca pairava acima da sua enquanto suas pernas poderosas os mantinham flutuando.

— Eu quero você, Frankie.

— Eu também quero você, Ty... tanto.

Seus lábios se separaram instintivamente se preparando para o beijo.

Sua cabeça ficava mais e mais perto enquanto um zumbido invadia seu cérebro. Ele parou, seus lábios logo acima dos dela, tão perto que ela podia saborear sua respiração.

— Ty? — Ela sussurrou.

Frankie acordou sua boca cheia de algodão do travesseiro.

Aargh... não novamente. Quantas vezes ela tinha que sonhar? Quantas noites mais ela teria que estar tão perto de beijar o homem que amava, só para ser despertada por algo?

A mão dela deslizou até o alarme do relógio e o barulho irritante abruptamente cessou.

Que droga! Quando ela iria parar de sonhar com o sujeito?

E aquele lobo... quantas vezes ele tinha estado nos sonhos? Mesmo quando ela estava sonhando na cidade, o lobo estava lá, totalmente incongruente, e ainda seu subconsciente aceitava sua presença sem questionar. Talvez porque essa era a única parte do sonho que ia além da realidade.

O encontro com o lobo aconteceu quando ela tinha quinze anos. Ela foi ao lago sozinha naquele dia, mas não foi nua. Ela só precisava de algum tempo para si mesma. Ty passara o dia flertando com outra garota na escola, e havia sido doloroso vê-los juntos.

Na verdade, haviam sido suas lágrimas que o lobo lambeira de sua bochecha e seu pescoço, não a água da lagoa. Ela não tinha estado desnuda, mas todo o resto do sonho havia sido exatamente como acontecera na realidade.

Até que ela mergulhou na água. A parte com Ty era pura imaginação. O engraçado era que ninguém nunca acreditaria nela se ela contasse sobre o encontro com o lobo. Nem Ty acreditou. Ele tinha dito que provavelmente ela cochilou e sonhou isso. Ela sabia que ele estava errado.

Seu encontro tinha sido real, e tinha acendido dentro dela uma vida de amor vitalício aos lobos.

Ela gastou anos pesquisando-os, tinha até sonhado em fazer um estudo de campo sobre o comportamento deles na fazenda do pai de Ty, na parte dedicada à reserva dos lobos.

Mas aquele sonho morreu, junto com muitos outros, no dia em que o homem que ela amava deixou claro que ele não queria nada mais do que a amizade dela. Isso tinha sido há seis anos atrás e Ty McCanlup ainda era seu melhor amigo.

Ele também ainda era aquele que ela media com cada homem que passava por sua vida — e todos eles vieram à tona sentimentos pequenos..

Seus sentimentos dela por ele fizeram com que fosse impossível manter uma relação com algum outro homem e foi quando ela enfrentou isso. Mudou-se para a cidade, longe dele e da

proximidade de sua amizade. A mudança deveria tê-la ajudado a arrancar-lhe esse amor não correspondido e a princípio ela achou que conseguira.

Ela havia errado terrivelmente. Ultimamente, havia ficado ainda pior, a dor de amá-lo sem tê-lo, a incapacidade de olhar para outro homem sem ter a imagem sobreposta do rosto de Ty em sua mente. Os sonhos haviam se tornado mais frequentes também.

Provavelmente porque lhe foi oferecido aquele trabalho na Costa Oeste. Ela sabia que aceitar significaria um passo irreversível em sua vida.

Havia sido o verão em seus sonhos, mas agora era novembro e logo seria o Dia de Ação de Graças. Uma época para a família e amigos estarem juntos.

Também era hora dela fazer algo a respeito de Ty.

Ela gastou seus quatro anos após a puberdade tentando fazer com que ele a notasse como mulher, e os últimos seis anos tentando esquecer sua gentil rejeição. Havia fracassado em ambas. Se ela, em algum momento, tocaria sua vida em frente, deveria aceitar o trabalho em Washington e deixar a amizade com Ty acabar.

O entendimento machuca, mas ele estava ali havia um bom tempo.

Frankie estava em uma encruzilhada, profissionalmente e emocionalmente. Ela não podia continuar vivendo mais com essa vida dividida. Ela odiava a medicina veterinária da cidade, e o trabalho em Washington seria em um refúgio de lobos. Ela também estava cansada de se sentir sozinha, de lamentar depois que um homem só a via como um colega sem cabelos no tórax. Talvez se ela fosse embora, o cortasse totalmente de sua vida, ela aprendesse a cuidar de alguém.

Mas ela tinha certeza que ele ainda a via daquele jeito? Uma voz traiçoeira dentro de sua cabeça perguntava. Havia vezes que Ty olhava para ela do mesmo jeito que tinha olhado no sonho... como se ele a quisesse. Ele não saiu a sério com ninguém nos últimos seis anos.

Ela tomou uma decisão, sentada sozinha em sua cama, ainda atordoada por um sonho que não podia se fazer realidade. Era hora de pescar ou cortar a isca com Ty McCanlup. Ela iria para casa durante os feriados e tentaria mais uma vez. Se ele a rejeitasse novamente, ela o cortaria completamente de sua vida.

Ela não tinha escolha.

De uma forma ou de outra, esta viagem de volta para casa iria determinar seu futuro tanto na sua carreira quanto em sua relação com Ty

— O que você quer dizer com não fomos convidados? Os McCanlups tem compartilhado o Dia de Ação de Graças com nossa família desde antes de eu vir viver aqui. — Frankie olhou fixamente para Tia Rosa, seu estômago se submergindo em decepção.

Frankie comprou o vestido perfeito para vestir no jantar. Até a tinha feito parecer elegante e um pouco violão, não como um varapau com um par de interessantes “pancadas”. Ela passou horas fazendo compras, algo que odeia fazer, a fim de prover seu arsenal de armas.

— Algo aconteceu com Duke e Marigold. — Tia Rosa respondeu.

Bem, nojento. Para estragar as coisas pode contar com sua prima. O que quer que seja que Marigold tenha feito para o irmão mais velho de Ty deve ter sido muito sério para não os terem convidado para o jantar anual de Ação de Graças.

— Eles tiveram uma briga ou algo?

Tia Rosa mordeu o lábio e olhou para o lado com um suspiro como se ela fosse desenrolar uma torta com uma hábil mão.

— Ela não diz, mas a noiva de Duke deixou a cidade e agora ele olha para sua prima como se quisesse matá-la cada vez que se encontram. Ninguém da família deles colocou um pé em nossas terras desde que Leah partiu.

— Você foi ver Carolyn? — A mãe de Ty e Tia Rosa sempre foram tão próximas quanto irmãs.

— Não me pareceu certo, não sabendo o que aconteceu entre minha filha e Duke. — A voz de Rosa estava tranquila, mas Frankie podia ver que perder a amizade da mulher machucou sua tia profundamente.

Mais jovem que Frankie, Marigold nunca tentou manter sua paixão pelo homem mais velho em segredo. Frankie simpatizaria com sua prima se ela não pensasse que a idéia de riqueza e a posição de Duke na comunidade eram ainda mais tentadores para Marigold que o próprio homem.

Além disso, com apenas vinte anos, Marigold não era exatamente madura em sua conduta com os outros. Uma profissional Prima Donna. A prima de Frankie praticamente nunca pensava nos sentimentos dos outros quando ia atrás de algo, ou nesse caso, alguém, que ela queria.

— Você queria ver Ty. — Adivinhou Tia Rosa.

— Claro.

Os lábios de sua tia se encrespavam em preocupação.

— Você ainda está apaixonada por ele.

— Você não tem que me olhar como se esse fosse o pior destino no mundo. Ty é um bom homem.

— Ele não vai se casar com você, bebê. — A triste certeza na voz de Tia Rosa a assustava, mas Frankie não tinha vindo de tão longe para voltar na primeira barreira.

— Eu acho que preciso ter certeza disto.

Embora, se sua tia estivesse certa, então as palhaçadas de sua prima poderiam vir a ser um favor ao invés de uma frustração. Cortar suas amarras com o homem que ela amava seria muito mais fácil se suas famílias não fossem tão próximas.

— Outra família se mudou para a cidade. Canadense franceses. Eles têm uma filha mais ou menos da mesma idade do Ty.

— Sério?

— Seu nome é Olivia. Ela é muito bonita.

— Que bom.

— Ty parece afeiçoado por ela.

O coração de Frankie parou em seu peito com um baque doloroso e então começou a bater tão rápido que ela podia apenas respirar. Depois de todo esse tempo ele começava a mostrar interesse por outra mulher? *Por que agora?* — Como ela se sente sobre ele?

— O menino parece irritá-la mais do que qualquer coisa, mas com o tipo dela nunca se sabe.

— Você acha que as mulheres francesas canadenses tendem a esconder seu interesse pelos homens atrás de antipatia? — Ela perguntou, não entendendo realmente até onde sua tia queria chegar.

Tia Rosa olhou com reprovação. — Eu me pergunto... — Ela agitou sua cabeça. — Não. Uma promessa é uma promessa. Só não deixe seu coração ajustado para Tyler McCanlup.

Seu coração já estava fixado no veterinário magnífico. Assim como seu corpo, no que dizia respeito a esse assunto. Nenhum outro homem jamais mexeu com seus sentidos como Ty fazia e ele nem sequer a beijara. Isso estava tão ruim que ela não podia nem mesmo se dar um orgasmo sem pensar nele.

— Eu acho que vou dar um passeio.

Tia Rosa agitou a cabeça. — Criança teimosa. Dê aos McCanlups meus cumprimentos.

Neve endurecida quebrava sob os pés de Flash enquanto Frankie guiava o grande cavalo negro para fora do celeiro. Ela tinha sentido falta dele tanto quanto ela sentira falta de sua família desde que mudara para a cidade. Ela puxou seu cachecol para baixo e respirou o ar frio.

Oh, nossa.

Seus pulmões capturaram uma grande quantidade de ar congelado antes de expelir tudo em um sopro. Ela respirou em outra grande brisa do que ela mais amava — fresca, limpa, cheirando a neve, fumaça de madeira e nada mais. Nenhuma fumaça de carro, nem restaurantes por perto cozinhando para a multidão, nenhum cheiro da cidade com a qual ela estava acostumada, mas da qual não gostava.

Colocando seu cachecol para trás para tapar seu nariz e boca, ela impulsionou Flash e o cavalo pulou adiante avidamente. Logo, eles estavam galopando através da terra entre o rancho da sua tia e tio e o Rocking M. Mesmo com a velocidade de Flash, era uma longa jornada até a casa dos McCanlup.

Ela diminuiu a velocidade de Flash para um passo longo suficiente para esfriar o cavalo. Foi aí, então, que ela notou um trio de cavaleiros que vinham na direção dela.

Os três homens sentados altos em suas selas se vestiam quase que idênticos, de calça jeans desbotado, camisas de flanela sobre Henleys escuros e jaquetas de pele de carneiro aberta na frente.

Ela não tinha nenhum problema em distingui-los, entretanto. Nenhum deles usava chapéu. A tolerância deles quase inconsequente para o frio sempre a espantou.

Duke montava à esquerda, seu cabelo escuro da mesma cor que do seu papai. King vinha montado no meio, e Ty, seu cabelo loiro dourado brilhando na luz solar, montava à direita. Nenhum dos homens estava sorrindo, mas isso não impediu seu coração de se acelerar ante a visão de Ty.

Ela parou quando os alcançou.

— Sr. McCanlup. — Ela movimentou a cabeça em direção ao homem no centro, então para os outros.

— Duke. Ty. — Sua voz suavizou só um pouco em seu nome e ela ligeiramente sorriu.

A expressão dele não mostrou nenhuma resposta de bem-vinda.

Teria Marigold destruído completamente a relação entre as duas famílias?

— Eu fico surpreso que seu pessoal a deixe sair para cavalgar sozinha. — King McCanlup disse com habitual olhar fixo e sem emoção.

Ele e o tio dela tinham se dado bem por tempo suficiente, mas King sempre havia sido um pouco frio em relação a Frankie e ela nunca entenderia por que. Aparentemente sua desaprovação nunca impediu Ty de ser seu amigo, então ela nunca tinha deixado isso a aborrecer.

Ela não estava para começar agora. — Eu sempre dou um passeio quando eu chego em casa. Ninguém estava disponível para vir junto.

— Talvez sua família não esperasse que você fosse montar por este caminho. — Ty atirou um olhar lateral em seu irmão mais velho, com rosto de pedra.

— Eu disse à Tia Rosa onde estava indo. Ela envia seus cumprimentos, a propósito. Quanto a estar aqui fora montando a essa hora, eu não vejo problema algum. A frente fria não deve se mover até amanhã, ou no máximo, hoje à noite. — O porquê de ter viajado alguns dias mais cedo do que ela originalmente planejou. Não queria ficar atolada na neve em Billings durante a Ação de Graças. Ela sentiu uma urgência sobre sua viagem para casa, uma certeza que se ela não compreendesse sua relação com Ty agora, nunca aconteceria.

— A lua cheia virá em trinta e duas horas. — King disse como se isso explicasse tudo.

Ela rolou seus olhos. Ele provavelmente assumia que o fazia. Ele tinha a contagem de tempo até as horas, não menos.

— Eu sei que vocês todos pensam que a lua cheia tem algum tipo de efeito misterioso nos lobos do refúgio Rocking M.

— Tem. — Ty cortou a conversa, sua voz rude, seus olhos azuis frios. — Você não tem que acreditar nisto para ser verdade. Você não tinha porque cavalgar até aqui tão perto da lua cheia.

Ela piscou surpresa ante a repreensão dolorosa. Ty poderia ter impedido de aprofundar sua amizade para algo mais, mas ele sempre a tratara como se estivesse contente por vê-la.

Agora mesmo ela se sentia tão bem-vinda quanto uma avalanche de formigas num piquenique. Ela ergueu as rédeas, preparando-se para girar Flash.

— Eu irei então.

— Você está mais próxima de nossa casa. — King disse, encarando-a.

— Ty pode levar você de volta para sua tia e seu tio. Um de nós pode levar Flash de volta.

— Isto é ridículo. Eu posso voltar agora.

— Você está em nossas terras. Vai fazer o que dizemos. — A voz de Duke carecia de um mínimo de simpatia.

Ela abriu a boca, mas Ty a antecedeu.

— Não fale assim com ela, Duke.

— Você tem algum problema com isto? Por quê? Eu pensei que você estava interessado naquela pequena cadela francesa canadense.

A mandíbula de Frankie caiu. Ela nunca ouviria Duke se referir a uma mulher com menos que um respeito indefectível.

— Você não gosta dela? — Ela deixou escapar.

— Ignore-o, ele está só sentindo sua idade agora.

Ela teria rido se não estivesse batalhando contra a dor de sua óbvia rejeição.

— Você apenas vai fazer trinta. Isto dificilmente é velho.

Duke não disse nada, mas girou seu cavalo.

— Deixe-a fazer o que quer. — ele disse por cima do ombro. — Mas não me culpe se um lobo decide que ela parece condenadamente gostosa agora mesmo.

Capítulo Dois

Ty quis atingir em cheio a cabeça do irmão.

Ele sabia que Duke não estava fazendo alusão para a fonte de carne que Frankie poderia servir para comer, mas para algo que poderia ser igualmente devastador.

Além de ser uma mulher sozinha no espaço selvagem, ela estava solteira e ela estava ovulando. Em aquecimento.

Seu odor tornaria qualquer homem lobo solitário louco... ou o levaria a fazer algo que ambos, o lobo e Frankie acabariam lamentando.

Inferno, seu odor estava chamando a besta nele e isso estava tomando tudo que ele tinha para manter seu lobo sob controle. Ele podia ver que sua atitude a machucara, mas por que ela tinha que aparecer hoje? Era a última maldita coisa que ele precisava quando estava se preparando mentalmente para acasalar com outra fêmea.

Ainda por cima, Duke estava certo. Ela estava definitivamente correndo risco aqui fora e vulnerável.

Muitos membros da matilha se reuniram no Rocking M. antes da mudança para que pudessem estar livres para correr livremente quando acontecesse em um lugar seguro. Se outro macho a encontrasse sozinha aqui tão perto da lua cheia, havia todas as chances de que ela acabasse amanhã de manhã como uma companheira.

E isso seria menos que ideal para ambos, ela e o lobo. Ela teria o trauma de superar um não desejado homem-lobo como companheiro, e se isso se tornasse algo sagrado, algum pobre bastardo seria eficazmente castrado quando ela se recusasse a ficar com ele.

— Monte de volta para casa conosco, Frankie. — Ele disse, forçando sua voz a um tom mais amigável, embora tudo que ele queria fazer era rosnar e arrancar suas roupas. — Mamãe teria uma síncope se descobrisse que você estava perto suficiente para lhe dar um oi e não deu.

Frankie ainda estava assistindo a figura de Duke desaparecer, mas diante as palavras de Ty ela se girou para encará-lo, os olhos marrons suaves dela quietos ainda feridos com a reação inicial deles para com ela.

— Você tem certeza? As coisas estão mais hostis entre nossas famílias do que eu esperava.

— Não é sua culpa. — O pai dele disse abruptamente. — Venha para casa.

Para King, que odiava o pensamento de qualquer de seus filhos acasalando com uma não-lobo, isso era praticamente um convite aberto. Ele virou seu cavalo e seguiu logo atrás de Duke, pela suposição dele, Frankie deveria seguir o conjunto de homens à frente.

Frankie olhou para Ty, sua expressão confusa.

Ele sorriu, deixando os cálidos sentimentos que ele sempre tivera por ela transparecer em seu rosto.

— Você não quer desapontar minha mãe, não é?

— Não.

— Então vamos. — Ele esporeou seu cavalo e seguiu seu pai.

Murmurando uma imprecisão sobre homens arrogantes que Ty tinha certeza de que ele não deveria ouvir, Frankie os seguiu.

Eles atingiram os jardins apenas alguns minutos mais tarde e Frankie deixou que Jed levasse Flash ao estábulo.

Eles andaram em juntos direção à casa. Ele sentiu a essência de canela de sua mãe e de sua preocupação sobre ter uma visitante humana tão perto da lua cheia, ao mesmo tempo. Entretanto, ela estava sorrindo quando entrou na sala.

Era algo que ele não sabia como lidar no momento em que viu Frankie, mas depois ele estivera muito ocupado tentando lutar contra sua própria reação sobre o quente aroma dela. Ele ainda estava tentando, e não estava ganhando.

Infernos. A última coisa que ele precisava nesse momento, ou sempre, era ficar duro pela sua melhor amiga.

— Frankie, que prazer inesperado. — A voz da sua mãe continha todas as boas vindas de seu pai, seu irmão e dele que não vieram.

O prazer que Frankie sentiu pela saudação chegou em ondas, e ela avançou rapidamente, seus quadris sensuais balançando ligeiramente com seu andar gracioso. Ela abraçou a mãe dele, fazendo com que ela parecesse mais baixa, e beijou suas bochechas.

— Faz tanto tempo.

— Você não voltou para casa neste último verão.

— Todo o pessoal saiu de férias durante o verão.

— E deixaram você para trabalhar na clínica enquanto eles estavam fora? — Ty perguntou a raiva por ela ser tratada assim ferveu dentro dele.

Ela se voltou com um de seus brilhantes sorrisos para ele. Aparentemente, ela o perdoou por sua frieza anterior. Ela era assim, raramente guardava rancor, especialmente contra ele. Era uma das muitas coisas que ele gostava nela.

Seus olhos de corça se encheram com um calor, pelo qual ele nunca poderia deixar de ser viciado.

— Eles não foram todos de uma vez e é meu trabalho, Ty.

— Você podia ter voltado para casa e trabalhado comigo. — Ele lembrou-lhe.

— Eu não teria forçado você a ficar sem nenhuma pausa durante todo o verão.

Ele se surpreendeu quando ela recusou sua oferta de trabalho logo depois do colégio. Machucou também. Ele pensou que depois que ela terminasse com aquele patético noivo dela, estaria disposta a voltar para casa, mas não o fez.

Se ele precisava de mais provas de que pensar nela como uma possível companheira estava além da idiotice, aí estava. Ele não pertencia à cidade, e ela rejeitava a vida aqui. Sem mencionar o fato de que ela não era mais estável em relações do que qualquer outro ser humano, como seu ex-noivo podia atestar.

Não existia nenhuma lei oficial no bando contra tomar um companheiro humano, mas era fortemente desencorajado. Enquanto um homem-lobo é companheiro por toda vida, um humano pode deixar o seu ou sua companheira para trás para ir em busca de outro. Aconteceu com frequência suficiente para tornar o bando desconfiado. Homens-lobo eram ensinados desde filhotes que humanos faziam más escolhas para parceiros.

Isso não impediu que acontecesse, infelizmente.

A própria avó do Ty tinha sido humana, e deixou o avô dele para se casar com outro homem quando os filhotes ainda não eram nem crescidos. O pai de Ty havia sido mais inflexível que a maioria sobre treinar seus filhos sobre a necessidade de acasalar dentro do bando. Ou se não dentro do bando, pelo menos com seu próprio tipo.

As advertências do seu pai não tinham sido necessárias para Ty. Depois que ele testemunhou de primeira mão os resultados horríveis de quebrar a lei do bando sobre acasalar por toda vida, ele nunca consideraria se acasalar com um humano de qualquer maneira.

— Talvez eu devesse ter feito o trabalho que você me ofereceu, naquela época. Viver na cidade não realizou o que eu queria. — Havia outra mensagem oculta por trás das palavras de Frankie, os seus sentidos de lobo o diziam, mas ele não podia compreender o que era.

— Leah se mudou para Billings. — Ty estava contente que seu irmão não tivesse entrado na casa quando as palavras de sua mãe assentava no ar entre eles.

Frankie passou e apertou mão da sua mãe.

— Eu ouvi que ela partiu. Eu não estou levando lista de jurados se eu mencionar que nem Tio Ben nem Tia Rosa sabem o que Marigold fez para enviá-la longe.

— Mas eles sabem que sua filha estava envolvida. — Ty disse.

— Eu acho que é um tanto quanto duro não perceber como Duke a evita agora.

— Ela brincou um de seus jogos egoístas de é tudo-sobre-mim. — Ty fechou a cara. — Ambos Leah e Duke foram machucados por causa disto, mas de algum modo, eu penso que foi o melhor no final das contas.

Sua mãe o olhou.

— Nem todas as fêmeas humanas são como sua avó McCanlup.

Ele sentiu que se ela pudesse ter entrado em sua cabeça para gritar com ele um pouco mais sem ser escutada, ela teria feito. Ele não entendeu o porquê, mas sua mãe e seu pai não concordavam neste assunto de acasalamento entre diferentes raças.

Mas ela não podia gritar com ele daquele jeito. O único na família que compartilhava do vínculo telepático com ele era seu irmão.

Duke e seu pai compartilhavam um laço também. Era ainda muito mais forte daquele que Ty compartilhava com Duke. Ele tinha que estar perto de seu irmão para alcançá-lo ou ouvi-lo, mas Duke e seu pai podiam estar a uma milha de distância que um ouvia ao outro.

— Não vamos tocar nisto agora, Carolyn. — Seu pai entrou no quarto e andou diretamente para sua mãe e se colocou em uma posição protetora.

— Você sabe o que eles dizem...

Ele achou que seu pai terminava o assunto sobre o acasalamento dos lobos com humanos na cabeça de sua mãe porque ela o encarou. Ela gostava de Leah. Muito.

— Eles dizem que homens não servem para nada a não ser para cavar e fertilizar esterco de cavalo e fazer bebês também, mas eu não acredito nisso também.

— Um... eu não quis causar uma briga familiar. — Frankie descascou sua camada exterior enquanto eles iam discutindo e seu cabelo marrom suave crepitou ao redor sua cabeça de estática depois de tirar seu gorro de meia-calça.

Seu cabelo era seda fina, e ela usou aquele gorro por mais tempo que se esperaria de uma menina levada que gosta de atividades masculinas. Escovou sua parte inferior sedutoramente enquanto caminhava, algo que Ty começou a notar desde quando ela tinha mais ou menos quinze anos, e gastou os últimos onze anos tentando ignorar.

O resto dela era algo surpreendente também. Ela estava vestindo sua calça jeans habitual, mas haviam pequenas pedras de strass vermelhas e rosas nos bolsos e abaixo na perna. Eles abraçavam seus quadris em vez de sua cintura, e uma faixa estreita de pele pálida se mostrava acima do cós quando ela levantou o braço para pentear seus cabelos.

O suave suéter vermelho se agarrou em suas curvas tão amorosamente que ele não tirou seu olhar de lobo para ver a evidência de que ela estava ou ainda tinha frio ou alguém estava afetando profundamente sua libido. Ele podia cheirar sua excitação ativada e achava que esta não era a primeira vez. Como ele sabia que ela não tinha assuntos por homens ou mulheres mais velhas, ele imaginou que aquele era ele.

O lobo nele sentou e uivou, e ele teve que segurar sua mandíbula apertada para parar de rosnar sua necessidade. Ele tinha que ficar longe dela logo, ou todos os seus planos iriam se esfumar como fumaça da fogueira de sua própria estupidez.

— Frankie, faz muito tempo.

A cabeça de Ty estalou ao ouvir o som da voz de outro *werewolf*. Kurt Garrick estava recostado na porta de entrada como se ele tivesse todo o direito de estar lá, sua boca entortada em um meio sorriso, seus olhos escureceram com interesse assim que se descansaram em Frankie.

Um baixo nível de rosnar retumbou na garganta de Ty. Muito baixo para que orelhas humanas pudessem ouvir, não obstante trouxe uma carranca de surpresa nas características do outro lobo.

— Kurt! Eu não esperava ver você aqui. — O deleite óbvio de Frankie sobre sua presença irritou Ty, mais ainda que a intrusão de Kurt.

— Eu mesmo aqui, magnífica.

Ela sorriu, suas bochechas girando um delicado rosa que fizeram Ty querer fazer mais que rosnar.

Ela atravessou a sala em menos tempo do que o que levou para compreender como livrar-se do outro lobo e lançou seus braços ao redor de Kurt em um abraço. Ele a abraçou de volta, o odor de sua estimulação imediata bateu em Ty como um chute em seu intestino.

Ela beijou a bochecha de Kurt e o maldito *werewolf* a beijou de volta, seus lábios perigosamente próximos dos dela. Ty rosnou novamente, desta vez alto suficiente que orelhas humanas insensíveis até de Frankie pegaram isto.

Ela se afastou de Kurt, com um olhar de preocupação em seu rosto.

— Algo errado, Ty?

— Só perguntando-me quando eu conseguiria meu abraço.

Ele podia perdoar o olhar de surpresa que cruzou seu rosto, porque a última vez que ele aceitou um de seus abraços graciosamente, ela tinha quinze anos de idade. Ele a evitou fisicamente logo depois que ele teve sua primeira ereção só em tocá-la. Para não machucar seus sentimentos, ele deixou bem claro que ele não gostava de abraçar ninguém.

Porém, ele seria condenado se ela iria tocar outro lobo e o deixaria de pé de lado como uma *wallflower*¹ do Século XVI na corte do rei. A ciência de que seu lobo estava tomando mais de seu controle agora que seu humano só se registrou vagamente enquanto ele a alcançava e a puxava para um contato corpo a corpo.

Ela embrulhou seus braços ao redor de seu pescoço e apertou seus peitos contra ele como se eles não pertencessem a nenhum outro lugar. Suspirou contra seu pescoço, o trêmulo som de prazer óbvio.

Ela não fez aquilo com Kurt, e Ty teria sorrido se ele não estivesse tendo um momento tão duro em não desnudar-se de suas roupas para acasalar com ela. Ele a quis por anos, mas hoje ela estava quente², e tão perto da mudança, isso era como querosene no fogo de sua libido.

¹ Garotas que ficavam sem dançar durante o baile, por não ter parceiro.

² No cio, ou ovulando.

Ela foi beijar sua bochecha, mas ele girou sua cabeça e seu lábios se encontraram pela primeira vez. Os seus eram suaves e se abriram em um surpreendido *oh*. Ele saboreou canela, doce e um sabor especial pelo qual ele podia facilmente ficar viciado. Frankie.

Oh, inferno. Ele estava perdendo isto. Nenhuma surpresa de porque os seres humanos se beijavam nos lábios. Era a sensação mais doce que ele já conhecera. *Werewolves* evitavam intimidades físicas até que eles estivessem prontos para acasalar. Isso os prevenia de tomarem um passo irrevogável baseado em pura necessidade física... normalmente. Diferentemente de humanos, que experimentavam em modos que ele nunca compreenderia. Entretanto, eles podiam partir quando e se eles quisessem.

Aquela lembrança fria fez com que quebrasse o contato de seus lábios com os dela, e ele a empurrou para longe dele muito menos suavemente do que ele quis. Seus olhos estalados abertos mostravam mais dor diante desta rejeição, e Ty quis consertar isto, mas não podia. Então ele se virou.

Sua mãe olhou muito condenadamente satisfeita consigo mesma e seu papai parecia bravo e preocupado. Kurt... Infernos, ele parecia com um lobo à beira de emitir um desafio.

— Eu pensei que você estava farejando Olivia. — A voz do Kurt terminou em um estrondo, só um fio tímido de grunhido.

Um som suave por detrás dele disse que Frankie ouviu todas as palavras. Ty não podia consertar isso também. Era a verdade. Condene isto para inferno, como as coisas conseguiram se tornar tão complicadas tão rapidamente?

— Eu pensei que você estava lá embaixo no celeiro com Duke. — ele disse para Kurt com ênfase pontuada.

— Eu vi Flash e soube que Frankie estava na casa. — Ele sorriu para ela, sua exibição de dentes. — Eu quis dizer oi.

Mais provável que ele tivesse sentido os feromônios de Frankie na sela de seu cavalo e tivesse seguido o odor como o lobo, perto da mudança que ele estava.

— Eu estou contente. — Ela estava provavelmente dando a Kurt o sorriso doce que sempre picou o coração de Ty.

Ele friccionou seus dentes.

Kurt sorriu de volta, confirmando sua suposição.

— Eu também.

— Bem, você precisa voltar para o celeiro. — Ty disse, soando mais desprezível que ele já esteve em muito tempo.

Os olhos de Kurt se estreitaram, seu corpo trocando sutilmente em uma posição que dizia que ele estava pronto para encarar a agressão de Ty.

— Isto é certo?

Ty olhou, endireitando-se em seus enormes 1,80 e suas mãos se flexionando com intenção.

Os olhos chamejados do Kurt se estreitaram como se ele estivesse decidindo se Frankie valia a pena ou não o desafio.

— Está certo. — Desta vez era seu pai falando e sua voz não se punha em nenhuma posição.

Kurt endureceu, entretanto ele movimentou a cabeça, sua expressão de aceitação invejosa.

— Eu devo tomar como ordem ficar no celeiro por enquanto?

— Certo. — falou King McCanlup que era o líder do grupo desde que seu pai falecera e manteve o papel com uma força de vontade que até seus filhos raramente o desafiavam em qualquer assunto sério.

A última vez tinha sido quando Duke insistiu em tomar uma companheira humana. King tinha ficado furioso, mas Duke recusou-se voltar atrás e olha o que aconteceu. Leah foi embora, do jeito que qualquer humano podia.

Kurt partiu e Ty percebeu que seria melhor ele tomar seu caminho também, ou ele iria acabar da mesma maneira ruim que fora com seu irmão.

Ele voltou a enfrentar Frankie e só vê-la era suficiente para corroer mais um nível de seu autocontrole.

Ele descobriu que ele precisava sair do rancho completamente. Também não machucaria ver Olivia agora mesmo. De acordo com seus cálculos, ela devia estar quente também. Expondo seu lobo para ela devia contrariar os efeitos de feromônios do Frankie nele.

— Eu, uh... eu vou deixar você aqui visitando minha Mãe enquanto eu vou checar a égua do Delacroix. Ela está pronta para o potro, mas é sua primeira vez e eles estão preocupados.

Os olhos de Frankie se iluminaram e ele podia ter chutado ele mesmo.

— Eu adoraria ir com você. Faz tanto tempo desde que tomei conta de uma égua grávida.

— Isto não é uma boa ideia.

— Claro que é. Frankie apreciará encontrar Olivia e seus pais. Eles se mudaram para a cidade desde sua última visita. — Sua mãe disse, sorrindo para Frankie como se ela não tivesse atarraxado sobre seu próprio filho com uma Phillips elétrica.

— A família canadense francesa?

— Você ouviu sobre eles?

O rosto fechado de Frankie, a alegria que havia estado lá há segundos atrás agora estava ausente.

— Sim. Eu gostaria de ir com você. — Ela não soou tão ansiosa mais, mas sim obstinadamente resignada.

— Ty pode te deixar em casa depois.

Ele gemeu interiormente ante a sutil lembrança do seu pai. Eles tinham que conseguir tirá-la dos Rocking M, e quanto mais cedo melhor.

Frankie se sentou ao lado de Ty na cabine de pickup e perguntou-se o quão sábio tinha sido para insistir em vir com ele visitar a égua.

Ela encontraria a competição, e isso devia ser uma boa coisa, mas seu coração tímido demais para ser forçado a testemunhar sua atração por outra mulher. Então novamente, isso era provavelmente exatamente o que ela precisava. O tempo não fez nada para cegar seu amor por esse homem; Talvez vê-lo cortejar alguma outra mulher destruiria isto. Ou pelo menos a convença, finalmente, da desesperança dela.

Mas por que diabos ele agiu todo possessivo sobre ela quando Kurt surgiu na casa? E aquele beijo... tinha sido tão bom, entretanto ele a empurrou longe como se ele tivesse inalado odores de um lixo de três dias. Sobre o que era isso tudo?

Tyler McCanlup a tinha confundido por mais anos do que ela queria lidar. Estava na hora de exorcizá-lo de seu coração e se mudar para o Estado de Washington, ou o seduzir até que ela estivesse tão profundamente incrustada nele como ele estava nela. De uma forma ou de outra, ela estava indo adiante com sua vida.

O rancho do Delacroix era muito parecido com o de Tio Ben. Não minúsculo, mas certamente não na mesma escala que o Rocking M.

— Então, isto é um rancho de trabalho? — Ela perguntou enquanto eles caminhavam em direção ao celeiro.

— Eles têm um pouco de gado, mas Olivia e seu papai treinam cavalos principalmente.

— Quem é sua mãe?

— Ela é professora na cidade.

— O que ela ensina?

— Eu não sei.

— Olivia é filha única?

Se ele tinha notado que a conversação havia se transformado mais em uma inquisição, ele não demonstrou.

— Ela é por agora.

— O que isso quer dizer?

— Ela teve um pequeno irmão. Ele se foi.

— Isto é duro. — Ela sabia de primeira mão quanto machucava perder um membro tão próximo da família.

— Sim, é. Eles se mudaram para cá para se livrarem das memórias.

— Eu espero que isto dê certo para eles. — A mudança não fez nada para aliviar suas memórias, não em ajudá-la a esquecer seus pais e não em ajudar a esquecer Ty.

— Eu também. — O modo que ele disse fez soar como se ele emocionalmente estivesse envolvido, ou ela estava lendo algo em sua voz?

A vida tinha sido tão mais fácil quando ela estava ocupada sublimando seu amor para Ty.

Quando eles alcançaram o celeiro, uma mulher bonita saiu. Ela tinha um longo e encaracolando cabelo escuro, olhos amendoados a cor de um fundo-purpúreo como da flor “amor-perfeito” e uma figura que podia ter rivalizado a de Marilyn Monroe. Até vestida de calça jeans e ropers³, Frankie não tinha problema nenhum em ver por que Ty estava interessado.

— *Allo*, Tyler. Quem é esta? —Ela falou com um acento francês leve e sorrindo agradavelmente em Frankie.

— Minha melhor amiga, Frankie Random. Nós crescemos laçando vacas e pesquisando doenças de animal juntos. — Ele não podia ter deixado mais claro o papel dela em sua vida.

Ela era apenas outro cara até onde ele estava preocupado. Que foi o que ele disse quando ela tentou levar sua relação de amizade para o campo homem-mulher das relações. Que ele a via como um dos caras.

Ele a devastou o suficiente para manter sua libido em cheque ao seu redor depois disto, mas ela apreciava sua amizade demais para desistir. Agora... bem, agora ela não tinha nenhuma escolha. Não se ela quisesse uma vida completa.

— Frankie, conheça Olivia. Os cavalos acham cada pedacinho dela tão irresistível quanto os homens ao redor daqui.

Frankie forçou seus lábios a sorrir, seus olhos a ficar tranquilos e seu coração a se manter batendo apesar do sopro mortal que acabava de receber.

Ele estava definitivamente interessado nesta deusa no meio de mulheres. Não admira que ele não pudesse ver Frankie nem como pó. Seus gostos tendiam para o exótico e bonito. Porque ele nunca tinha sido muito mulherengo, ela não sabia disto. Então, a cidade não ostentava muitas mulheres que podiam ter modelado para Botticelli.

— Oi, Olivia. É um prazer conhecê-la. — Frankie mentiu sem mais do que um sorriso hesitante.

A expressão da Olivia se tornou preocupada de qualquer maneira, seus olhos se encheram de tristeza e reconhecimento enquanto seu olhar passeava entre Ty e Frankie. Essa percepção surpreendeu Frankie, que nunca pensou que ela vestisse seu coração nas mangas.

Ela encolheu os ombros ligeiramente para deixar a outra mulher saber que ela não tinha nenhuma intenção de lutar contra o inevitável, mas Olivia não pareceu confortada. De todo jeito, ela pareceu mais preocupada.

³ Tipo de vestimenta cowboy.

Capítulo Três

— Se você estiver aqui por causa de Circe, ela está bem. Eu acabei de verificá-la. — Olivia colocou um cacho rebelde atrás de sua orelha. — Eu não penso que ela dê cria por pelo menos alguns dias.

— Se eu não estiver por perto, peça para seu pai chamar Frankie. Ela está ficando no lugar da Random. Eles são sua gente.

Uma vez o voto de confiança a teria tocado, mas agora acabava de aterrissar contra a parede do entorpecimento crescente ao redor de seu coração. Por que ela se deixou ter esperanças novamente? Porque ele nunca tinha namorado com outra?

O quão estúpido era isto? Que desculpa frágil para voltar para casa pronta para seduzir um homem que muito obviamente não estava interessado em sua melhor amiga levada a brincadeiras masculinas.

Não existiu nenhuma Olivia antes, era tudo.

— Então Frankie deveria conhecer Circe, eu acho. — Olivia disse.

— Isto não é necessário. — Ty disse.

— Frankie é uma veterinária treinada com afinidade com animais. Se você não precisar de mim para fazer uma breve visita à égua, então nós estaremos a caminho.

— *Sacre bleu*. Eu não terei um veterinário que nunca encontrou o cavalo para atender em seu primeiro parto. — A voz da Olivia era dura com certeza, seus olhos estalando aborrecimento sobre Ty.

Ty deu seu olhar de irritação pura.

— Se eu disser que Frankie fará, ela fará.

— Deus é o único ser onipotente que eu saiba, Tyler McCanlup. Eu terei sua amiga conhecendo o cavalo, se não houver problemas para você.

— Não é isto. Eu disse que eu queria levá-la para a casa dela.

— Se você estiver com tanta pressa para voltar para o seu rancho, pode deixar que eu me assegurei que Frankie chegue em casa.

— Não.

— Sim.

Eles olharam fixamente um para o outro e Frankie não pode deixar de duvidar de sua antiga certeza de que Ty desejava a outra mulher. Sua expressão era qualquer coisa menos amável — e não deveria um homem apaixonado por uma mulher ser mais indulgente?

Ty não a amava daquele modo e ele sempre tinha sido muito mais tolerante com seus caprichos. O que significava o que? Que talvez ainda existia esperança?

Suas emoções estavam balançando como um cuidadoso metrônomo⁴. Ela precisava se controlar e seguir com o plano. Ou seduzia Ty ou ia embora ... completamente.

— Eu adoraria encontrar o cavalo. — Ela disse, esperando evitar toda a uma guerra entre as duas pessoas que continuavam se olhando em desaprovação.

Frankie colocou sua mão na manga de Ty quando ele não disse nada.

— Por favor, Ty. Há tempos não vejo uma égua grávida.

Ele girou para ela com o sorriso indulgente que ela conhecia tão bem.

— Certo, pedacinho de gente, se é isso que você quer.

Ela se esquentou ante o apelido familiar. Com seus 1,90m de altura, ele era um dos poucos homens que realmente consideravam seus 1,75m como pequeno.

Olivia foi à frente guiando o caminho até o celeiro e parou em uma baia com uma égua marrom pequena bonita.

— Esta é Circe.

Frankie estendeu sua mão para o focinho do cavalo, deixando o animal sentir seu odor antes dela começar a arranhar a cabeça da égua e conversar suavemente com ela.

— Você é uma beleza. Eu aposto que seu bebê vai ser bonito igual a você.

O cavalo respondeu as palavras suaves com uns gentis relinchos e deu batidas leves com sua cabeça contra o ombro de Frankie. Depois disto, Frankie insistiu em encontrar o resto dos animais no celeiro.

Ela parou na baia de Circe novamente em seu caminho para fora e perguntou se ela poderia examinar o cavalo, só para acostamá-la a tê-la Frankie por perto. Mas a verdade foi que ela não tinha certeza que Olivia estava certa. Frankie sentia que o cavalo já estava pronto para o potro, embora ela não estivesse mostrando muitos sinais externos.

Esta afinidade que ela tinha com animais prenhes surpreendeu sua família a princípio, especialmente considerando a menina da cidade que ela tinha sido quando chegou para viver com eles. Porém, seu tio aprendeu a escutar Frankie quando ela dizia que uma fêmea estava pronta para dar a luz.

Quanto mais ela tocava no cavalo, mais certa ela ficava.

⁴ Marcador de tempo musical.

— Ela vai soltar seu potro hoje à noite.

Olivia olhou fixamente para ela, e Ty praguejou.

— Você tem certeza? — Ele perguntou.

— Sim, e eu não acho que ela deveria ficar sozinha. Ela está assustada e é nova nisso.

— Você não é da alcatéia⁵ — Olivia disse, sua voz carregada com descrença.

— Alcatéia? Ela perguntou.

Ty agitou sua cabeça.

— Não importa. Se ela disse, é verdade.

A sobrancelha rosa e bem formada de Olivia arqueou e o olhar que ela deu a Ty não era menos que zombeteiro.

— Oh, fala o grande oráculo novamente?

Frankie riu.

— Você dois brigam como irmão e irmã. — E o alívio que ela sentiu por causa daquilo era imenso.

Ty a olhou, mas Olivia movimentou a cabeça.

— Ele é fatalmente tão aborrecedor quanto qualquer irmãozinho poderia ser.

— Você é mais velha? — Frankie perguntou.

— Menos que um ano. — Ty lamentou.

— Às vezes parece como uma década. — Olivia disse com uma tentativa óbvia para chamar a atenção dele.

E deu certo, Ty se fixou nela.

— Bem, desta vez você pode acreditar nele. — Frankie disse antes que a discussão pudesse aumentar.

— Eu não posso explicar como eu sei essas coisas sobre animais prenhes, mas eu sei. É uma das razões que eu me tornei veterinária.

Mas ela ajudou apenas um total de seis nascimentos nos dois anos que ela praticou na cidade. Os animais domésticos normalmente tinham seus bebês em casa sem a ajuda de um veterinário.

Olivia franziu a testa, mordendo o lábio, sua agitação aparente.

⁵ Bando de lobos.

— Eu preciso ir a algum lugar. Esta noite. Eu devia ter saído horas atrás. Eu não posso ficar aqui, nem mesmo por Circe.

— Onde você está indo? — Ty perguntou bruscamente.

— Não te interessa, irmãozinho.

A mandíbula de Ty se contraiu.

— Rocking M é o lugar mais seguro para correr.

— Não foi isso que você me falou quando eu cavalguei por ele hoje. — Frankie disse com uma carranca.

Ty pareceu não conseguir decidir o que dizer e Olivia apenas agitou sua cabeça, sua expressão obstinada.

— Olhe, eu não me importo de ficar com o cavalo se Ty tem outros animais que precisa atender. — Ela ofereceu.

A vida de um veterinário rural era ocupada, se não totalmente gratificante.

— Não. Eu não entendo por que você está deixando sua égua agora mesmo, Olivia. — Entretanto algo em seu tom dizia que ele sabia exatamente o porquê a outra mulher tinha que ir, e o deixava furioso.

— Eu devo partir. — Olivia repetiu, com uma ponta de teimosia em sua voz.

— E eu acho que você entende muito bem o porquê eu o acho necessário.

— Ok, então eu ficarei. — Ty aceitou o inevitável com má vontade.

— Você deixará Frankie em casa em seu caminho *onde quer que é que você está indo?* — Ele perguntou com ênfase sarcástica.

— Certamente.

— Não.

Elas falaram ao mesmo tempo.

Frankie cruzou seus braços acima do tórax.

— Eu quero estar aqui para o parto. Você se importaria Olivia?

— Não por isso. Eu estou muito contente que minha égua terá você para confortá-la. Eu sinto as coisas também, às vezes. Sobre as pessoas. E eu penso que você é amável.

O sorriso de Frankie por causa do elogio enfraqueceu com as próximas palavras de Ty.

— Bem, eu me importo.

— Por quê? — Frankie perguntou.

— Eu sou o veterinário de Circe. Eu estou aqui agora e eu não preciso de sua ajuda.

— Pare de ser tão mal-humorado ou eu vou pensar que você está com TPM — ela brincou.

— Você é um homem. Você não deveria ter desequilíbrios hormonais mensais.

Olivia bufou diante isto.

— Você não vai ficar. — Ele falou muito severamente, Frankie tomou um passo para trás.

Finalmente, ela entendeu.

— Você não me quer perto de você.

O olhar em seu rosto disse tudo, como um homem pego em uma verdade sem sabor. Ela veio com as nobres intenções de romper sua amizade se isso era o que a faria mover adiante com sua vida, mas nunca pensou que ele estivesse pronto para um fim.

E a compreensão machucou mais do que ela tinha pensado ser possível.

— Você tem tentado livrar-se de mim desde a primeira vez que me viu esta manhã. Eu sinto muito ter levado tanto para entender. Eu acho que sua família realmente quer uma ruptura total com a minha.

Se ela pensasse que era mais pessoal que isto, seu coração se quebraria. Talvez ele já tinha.

Parecia que tudo dentro dela havia se quebrado. Ela se sentia em tal estado de entorpecimento, estava em tanta dor, que mal podia respirar.

Ele disse que uma palavra em voz baixa que não foi muito agradável, mas ela manteve seu apoio.

— Eu só montarei de volta para o rancho com Olivia. Eu não o incomodarei novamente, Ty. — Sua voz quebrou em seu nome e ela girou afastando-se antes das estúpidas sensações de ferroadas em seus olhos se manifestassem como algo tão embaraçoso quanto lágrimas. Uma mão entendida segurou seu braço, o num aperto irrompível.

— Que droga, Frankie. Eu não estou tentando excluir você de minha vida.

Ela manteve seu corpo evitando o dele, seu rosto se virou para longe da visão dele.

— Não se preocupe com isto, Ty. É hora de eu crescer e partir. Eu sei disto, e eu pensei que eu estivesse pronta, mas é mais difícil do que eu esperava, é só.

Ele a puxou de volta para ficar de frente para ele, o movimento não foi gentil, mas não dolorosamente áspero também. Ele fixou seu olhar nela.

— Não está na hora de você partir. Nós seremos amigos para sempre.

— Não. Nós não podemos, Ty. Eu não posso. — Ela enfatizou.

— Sobre que diabos você está falando?

— Isto... tudo isso... você está certo. Eu não tenho nenhum lugar em sua vida.

— Eu nunca disse isto! — Seu rugido surpreendeu Circe que soltou um relincho alto.

— Então eu estou dizendo isto. Eu não posso ser sua amiga mais, Ty. — A umidade em seus olhos emergindo contra suas pálpebras. Se ela piscasse, gotejaria sobre elas.

— Não se atreva a chorar. — Ele rosnou.

— Eu n-não estou. — Ela disse enquanto duas lágrimas quentes rolavam sob suas bochechas.

— Maldição!

— N-não me injurie!

— O que eu deveria fazer? Como eu conserto isto? — Ele perguntou como se as respostas aflitas doessem tanto nele quanto estavam doendo nela.

Ela não conseguiu uma chance de responder porque os lábios dele estavam reivindicando os seus novamente. Desta vez eles estavam quentes, duros e famintos contra os seus, confundindo-a ainda mais. Mas nada podia amortecer sua resposta, este beijo tinha sido tão esperado.

Ela colocou seus braços ao redor do pescoço dele e se apertou contra seu corpo com tudo que ela podia. Seus braços a circularam e ele a segurou como se ele não pudesse jamais aguentar soltá-la.

Desta vez, ele a beijou até ela se tornar um poço derretido de puro desejo feminino contra ele, até que sua boca se abriu e sua língua saboreou a sua. Quando ele afastou seus lábios dela, ele a abraçou bem perto e falou em seu pescoço.

— Eu não quero machucar você, Frankie, jamais.

— Isto não machuca.

— Mas irá. Se nós continuarmos fazendo isto.

— Por que?

— Eu te disse você. Eu não penso em você daquele modo.

— Então por que você está excitado?

Ele praguejou novamente, mas não se mexeu.

— Biologia. Ainda assim continuará não funcionando entre nós.

— Eu não entendo.

— Eu sei, bebê. Eu sei.

Ele praguejou mais uma vez, desta vez mais depravado que antes, e andou para longe dela.

— O que houve?

— Ela partiu.

— Olivia?

— Sim.

Ela olhou em volta e com bastante certeza ela sabia que a outra mulher não estava em nenhum lugar que ela pudesse ver.

— Ela provavelmente está na casa. Eu partirei com ela se você quiser, Ty. — Ela tinha orgulho demais para permanecer em um lugar em que ela não era querida.

— Ela não está na casa. Ela partiu.

— Como...

— Eu ouvi o carro dar partida.

— Eu não ouvi nada.

— Você tem seus dons. Eu tenho os meus.

— Provavelmente você tem tempo para me levar de volta para o Tio Ben antes que qualquer coisa aconteça com Circe.

— O que você quis dizer quando disse que você não podia mais ser minha amiga? — Ele perguntou em vez de responder.

Ela encontrou seus olhos, pela primeira vez, tentando não esconder nada nos seus.

— Eu amo você, Ty.

— Eu amo você também, Pequeno Pedaco.

— Não assim. Não como um amigo. Eu quero você.

— Isto é só...

— Biologia? — Ela perguntou, questionando-se se ele realmente acreditava nisso.

— Sim. — Ele rangeu.

— Não é. Não para mim de qualquer forma.

— Frankie, não faça isto.

— Não dizer a você a verdade? Eu não posso mais viver uma mentira, Ty.

—Então, o que você está dizendo é que se eu não deixar que você seja minha namorada, você não será mais minha melhor amiga?

— Isto está realmente simplificado demais, mas em essência... sim. Eu não posso continuar dando o melhor de mim para você quando tudo que você quer é uma parte de mim. Eu sinto muito.

— Isto é uma carga de lixo humano.

Ela vacilou no desgosto em seus olhos.

— Eu sei que você gostaria de acreditar que não é humano, mas você é falível também, Ty.

— Eu não estou ameaçando você com “ir embora” se você não fizer o que eu quero.

— Não, é? Você não deixou sempre isto claro, que se eu tentasse ser mais que uma amiga, nossa amizade terminaria?

— Eu nunca disse isto.

— Não, você acabou de mentir para mim.

— Nunca.

— Sempre. Você disse que nunca pensou em mim assim, mas você também me quer. Não vale a pena tentar fazer uma relação dar certo entre nós?

— Eu ficaria duro com qualquer mulher que se roçasse assim contra mim.

— Eu não acredito em você.

Ele abriu a boca, mas um relincho assustado cortou o resto da conversa.

Eles retornaram para a égua e com um acordo tácito, os dois adiaram sua conversação pela condição de Circe e a prática da medicina veterinária. Frankie usou o telefone no celeiro para avisar sua família onde estava e que já poderia ser de manhã quando eles a vissem de novo.

O Sr. Delacroix chegou com a Sra. Delacroix umas horas mais tarde. Ela insistiu em alimentar Ty e Frankie. Algum tempo depois disto, um auxiliar entrou no celeiro para informar Ty que ele estaria lá para vigiar a égua depois do parto. Ty não disse nada sobre alguém deles levar Frankie para casa, então ela ficou, querendo esta última chance para estar com ele.

Circe pariu às seis e quarenta e dois da noite.

Até o fim do atendimento da égua e que Frankie e Ty já haviam limpado as coisas, eram quase oito horas e a tempestade se movia. Frankie não sentiu medo nenhum ante a perspectiva de Ty dirigindo até a casa dela pela neve pesada misturada com granizo. Ele tinha dirigido em tempos como este desde antes dele ser velho o suficiente para conseguir uma licença.

Porém, um carro quase bateu de frente com eles e forçou a caminhonete de Ty a desviar sua direção para o lado da estrada. Frankie não gritou, mantendo seu lábios apertados firmemente enquanto a grande caminhonete deslizava, bateu contra algo que pareciam ser grandes pedras e aterrisou com o nariz para baixo em um fosso fundo com as rodas de parte de trás fora do chão.

—Você está bem? — Ele exigiu, sua voz severa.

— Sim.

— Idiota.

— Eles partiram. — Ela disse, olhando a janela de trás. Ela mal podia perceber o vermelho da luz traseira retrocedendo devagar no redemoinho branco, mas eles *estavam* retrocedendo.

Ty agarrou seu telefone celular e o abriu só para articular uma maldição expressiva.

— Está morto. Deixe-me ver o seu.

— Eu não tenho telefone celular.

— O que? Todo mundo tem telefone celular.

— Eu não.

— Por que não?

— É um luxo que eu não disponho com meu salário como veterinária júnior.

Ele disse algo realmente sujo e ela olhou para ele.

— Por que não tem você um Celular? Todo caminhão de rancho tem um.

— Minha caminhonete é nova e eu não instalei ainda. — Se sua voz conseguisse ficar qualquer coisa mais baixo, ele estaria rosnando.

— Você acha que dá para a gente colocar essa caminhonete de volta na estrada?

— Talvez.

Ela estava para sair quando ele o fez, e ordenou.

— Fique aí dentro, onde está morno.

— Eu posso ajudar.

— Se eu não conseguir cuidar disto, sua força não vai fazer nenhuma diferença.

— Você é tão malditamente arrogante às vezes, que eu quero cuspir. Eu não sou um peso morto..

Ele sorriu. — Eu sei, Pequeno Pedaco, mas deixe-me tentar primeiro, certo?

Ele voltou mais cedo do que ela esperava com notícias muito ruins.

— A correia de transmissão está quebrada. Nós não iremos a lugar nenhum.

— Nós podemos ficar dentro da cabine, ligando o motor para manter aqui dentro morno de vez em quando.

Ty agitou sua cabeça decisivamente.

— Nós não podemos ficar na caminhonete.

— Faz sentido. O salvamento virá logo, eventualmente.

— Pode demorar horas. — Ele disse como se eles fossem morrer na cabine se levasse tal tempo.

— Mas...

— Existe uma cabana não muito longe daqui. Pertence a um amigo de meu pai, mas ele partiu.

— A que distância está?

Ele encolheu os ombros.

— Perto o suficiente.

— Eu ainda penso que faz mais sentido esperarmos pelo resgate.

— Nós estamos em um fosso fora de uma estrada secundária em uma nevasca que vai cobrir a caminhonete em breve. Nós não podemos depender de salvamento.

Ty assistiu a rápida mudança de emoções passar através de rosto do Frankie enquanto ela pensava sobre o que ele dizia. Ela poderia estar certa; Eles poderiam ser salvos se eles esperassem no carro, mas ele também poderia ceder ao chamado dentro dele de acasalar com ela.

Ele não podia correr esse risco.

A cabana estava talvez a uma meia hora de caminhada. Estava frio, mas ele tinha resistência natural e ela se agasalhara para montar seu cavalo mais cedo. Suas blusas deviam protegê-la.

Ela suspirou, sua boca curvando-se em derrota.

— Certo. Nós iremos para a cabana.

Ela começou a pôr as blusas de volta, já que ela as havia retirado por conta do calor na cabine da caminhonete. Logo ela estava agasalhada como ele a vira pela primeira vez naquela manhã. Ele puxou o cobertor de cavalo que ele mantinha atrás da cadeira do motorista e o embrulhou sobre a cabeça dela e ao redor dela como um xale, como proteção adicional contra os elementos da natureza.

— Você não devia usar isto? Você só tem seu sheepskin⁶. Você não tem nem mesmo um chapéu.

— Eu tenho. - Ele puxou o chapéu de grande aba australiano encerado de detrás de seu assento e um par de luvas de couro de lã forrada. Até *werewolves* sabiam que para enfrentar os valentes invernos de Montana em sua pele humana deveriam tomar precauções básicas. Ele os

⁶ Pele de carneiro, provavelmente uma blusa

colocou e segurou firmemente a aba do chapéu assim não se desprenderia. Ele até abotoou seu casaco.

Quando ele terminou, ele disse. — Saia pela minha porta. Será mais seguro sairmos da caminhonete juntos.

Ela o seguiu sem comentários. Assim que ele a ergueu do carro, o odor dela o alcançou e o envolveu com tal força que seus joelhos quase se dobraram.

Aquela meia-hora de caminhada até a cabana estava quase parecendo apazível para ele agora. Talvez esfriaria sua libido para proporções manejáveis. Ele nunca achara tão difícil de controlar sua besta, e existia qualquer outra coisa realmente o aborrecendo.

Ele estava certo, Olivia tinha estado quente. Ele cheirou isto nela antes mesmo dela sair do celeiro, mas ele não sentiu o desejo para acasalar. Nem mesmo uma punção. Seus sentidos tinham estado cheios do odor de Frankie e não importavam o quão duro ele tentasse, ele não podia dirigir seu interesse de lobo para a outra mulher. Seria porque ele sentiu o cheiro de Frankie primeiro?

Ele não sabia, mas ele não acasalaria com um humano.

Não hoje, não nunca.

Seu pai era respeitado e temido como líder do bando porque ele fazia cumprir a lei do bando sem exceções. Seu melhor amigo acasalou com um humano quando eles eram ambos jovens. Não tinha sido um laço sagrado e a fêmea humana nunca concebeu. Ela quis crianças mais do que ela queria a seu companheiro e ela o deixou.

Cinco anos mais tarde, o pai do amigo de Ty tinha sido pego acasalando com uma femwolf. Sua primeira esposa ainda estava viva e de acordo com a lei, isso fez ambos ele e a femwolf culpados de adultério. Embora eles fossem divorciados por leis humanas, eles eram culpados pelo bando e a justiça era executada.

Pelo pai de Ty.

Ambos os lobos tiveram suas gargantas rasgadas fora pelo líder do bando e ambos, Duke e Ty tinham sido forçados a assistir, ver a justiça como também as consequências de desobedecer a lei do bando.

Ty não estava certo se ele concordava com a lei, mas ele, condenadamente, também não iria fazer que tudo que acontecesse fosse apenas casualidade.

Com uma femwolf como seu primeiro e único acasalamento, ele não teria que se preocupar com isto. Apenas *werewolves* suficiente tolos casavam como seres humanos o faziam.

Capítulo Quatro

Frankie tropeçou na cabana pequena à frente de Ty, muito entorpecida de frio para apreciar estar fora dele.

A porta bateu com força atrás dela, deixando-os na escuridão. Do som de movimentos do Ty, que não pareceu diminuir sua velocidade. O barulho de um arranhão na caixa de fósforos veio logo antes de uma pequena chama iluminando a mão dele em uma lamparina de querosene. Uma vez iluminada, encheu o quarto principal com um brilho amarelo suave enquanto Ty pendurava-a em um gancho no teto.

Sua primeira impressão da cabana a surpreendeu.

— Eu pensei que tivesse dito que o amigo de seu pai havia mudado.

Ela tinha esperado um chão nu e nenhuma mobília, e enquanto as mobílias eram simples, definitivamente elas eram adequadas, e o fogão à lenha parcialmente descansado no meio da parede oposta da cozinha parecia ter sido usado recentemente.

— Ele pode voltar. O ban... pessoas cuidam daqui para ele.

— Oh. Sorte nossa. — Ela disse por entre lábios duros de frio.

Ele estremeceu como se pudesse sentir os espinhos de dor através da superfície de sua pele que a fala causou no corpo dela.

— Eu acenderei um fogo no fogão.

— Tem madeira?

— Sim. — Ele a encontrou em uma caixa de madeira à direita do fogão e iniciou o fogo com uma agilidade que a invejou.

— O que você é, algum tipo de monstruosidade de natureza? O frio não afeta você mesmo?

Ele encolheu os ombros.

— Eu sempre fui assim.

— Eu sei, mas até você devia estar um picolé depois dessa caminhada.

Ele não era humano. Se ela não soubesse mais, ela pensaria que ele era algum tipo de ser sobrenatural... e enquanto ela estava nisto, seu irmão e pai também. Eles todos pareceram sobre-humanos às vezes.

— Talvez nós devêssemos ter ficado na caminhonete. — Parecia como se ele estivesse se sentindo culpado pelo desconforto dela.

— A tempestade só está ficando pior. Você estava certo. As chances de salvamento teriam sido poucas. Além disso, nós já o fizemos e espero que, nós fiquemos mornos novamente, logo.

Ele deu-se por entendido e continuou a manter o fogo aceso. Então eles dois tiraram seus casacos molhados e penduraram-nos num varal perto do fogão. O pequeno suéter vermelho sensual que ela comprou para atrair Ty era uma barreira pobre contra o frio que ainda penetrava na cabana.

Tremendo, ela tirou suas botas de um chute e arrancou suas meias molhadas dos seus pés.

— Suponho que o amigo de seu pai não tenha deixado quaisquer cobertores para trás.

— Eu olharei, mas eu estou certo de que ele fez. — Ele abriu uma porta do lado oposto ao fogão a lenha e foi para o que deve ter sido o quarto.

Voltou alguns segundos mais tarde levando uma colcha. Ele a entregou a ela com um movimento brusco que dizia que não queria tocá-la.

Ela estava muito fria e muito cansada para se preocupar com a rejeição implicada.

— Nós provavelmente deveríamos comer algo e colocar uma panela de água para lavar-nos mais tarde.

Embora não existisse nenhuma eletricidade, graças a Deus, a cabana tinha água corrente. Alguém deveria estar cuidando disto também.

Ela encheu uma grande panela na torneira e ele a ergueu para o fogão antes que ela o fizesse.

— Você está sempre fazendo isto.

— O que? — Ele perguntou.

— Cuidando de mim.

Ele estava curvado, puxando algo para fora do armário de enlatados.

— É para isso que servem os amigos.

Ela não respondeu. Ela disse a ele que não queria ser sua amiga, e talvez ele tivesse pensado que fosse um piti feminino, mas não tinha sido. Era um ato desesperado de uma mulher que não queria gastar o resto de sua vida apaixonada por um homem que não a amava.

Ela viu que ele pegou uma grande lata de guisado do armário e um par de latas de legumes para adicionar a ele, então ela alcançou outra panela do armário que estava pendurava na parede acima da pia. Ela o colocou em um dos dois bocais do fogão a querosene e o acendeu.

Eles comeram junto à mesa, ela com a colcha embrulhada ao redor de seus ombros como uma capa e ele despido, sem mesmo uma simples Henley⁷. Surpresa... o homem realmente não era humano.

⁷ Tipo de camiseta regata.

Depois disso, ela examinou a cabana enquanto ele saía pela porta dos fundos e trazia mais madeira para dentro.

O quarto único era pequeno, mas a cama era grande. O fogão à lenha não estava muito exposto, apenas pela sua parte traseira que aparecia pela parede compartilhada. O quarto estava aquecendo, só não com a mesma velocidade que o quarto principal.

O armário estava vazio, assim como a cômoda pequena, mas um retrato de um homem com seus braços ao redor uma mulher repousava sobre ele. Ele parecia ter a idade de King, e o modo que ele segurava a mulher dizia tudo que fosse importante sobre como ele se sentia sobre ela.

Lágrimas despontaram nos olhos de Frankie inesperadamente. Algo tão bom não devia fazê-la chorar, mas ela se afastou da foto de qualquer modo.

— Tem água quente para o café.

Ela se virou para olhar para a porta que vinha o som da voz de Ty. Ele estava olhando para a cama com uma expressão aflita, então seu olhar moveu-se rapidamente para o dela, e o desejo que queimava em seus olhos azuis eram inconfundíveis. Até mesmo para os olhos destreinados dela.

Ela andou em direção a ele.

— Ty...

Ele recuou, seu rosto fechando-se com a velocidade da luz.

— Não tem nenhum leite, mas tem açúcar.

O café. Ela suspirou.

— Não, obrigado. Eu estou cansada. Eu acho que só vou para a cama, se não houver nada que você precise que eu faça.

Ele agitou sua cabeça e olhou para a cama novamente.

— É grande suficiente para nós dois.

— *Não.* — A veemência em sua voz não poderia ser assegurada em sua opinião, mas ela não estava totalmente chocada por isto.

— Por que você é tão contra ter uma relação comigo? — Ela perguntou, incapaz de se segurar. — Você me quer.

— É uma idéia ruim.

— Quem disse?

— Eu digo.

— Bem, eu digo que você está errado.

Desta vez quando seus olhos se encontraram com os dela, eles estavam cheios de raiva.

— Eu não dou a mínima. Você é minha amiga, Frankie, e isto é tudo que você será.

As palavras machucavam, mas elas não faziam sentido e então ela não podia fazer mais que aceitá-las.

— Existe um velho ditado que dos amigos se fazem os melhores amantes.

— E sexo pode arruinar uma bela amizade.

— Não seria só sexo.

— Sim, seria.

Agora realmente machucou. Ele estava dizendo que ele poderia querê-la, mas que ele não a amava, não daquele jeito. E seriamente, depois de todos estes anos, quais eram as chances de que ele o fizesse?

— Eu ficarei com o sofá. Eu sou a menor.

— Esqueça. Você dormirá na cama.

Ela não se aborreceu a discutir. Ela aprendeu há muito tempo que ele podia ser tão teimoso quanto uma mula com um problema de comportamento. Ela esperou ele deixar o quarto antes de despir-se de suas roupas e arrancar sua camisa de flanela, que ela tinha pendurado na parede do quarto exterior. Cheirava a Ty e a cobria até os joelhos.

Ela revolveu no armário e achou outra colcha. Ela agarrou a colcha, pegou a que ela havia derrubado antes e agarrou um dos travesseiros da grande cama antes de ir andando descalça para o cômodo principal. O som de cortes veio do lado de fora e ela pensou que provavelmente Ty estaria lá por tempo suficiente para ela cair no sono.

Ela realmente estava cansada.

Ela enrolou-se no sofá debaixo de ambas as colchas e quis que sua mente parasse de ficar rodando em torno do problema insuperável de seu amor inútil por seu melhor amigo.

Ty entrou na cabana e foi imediatamente impactado por seu odor. Ele quis uivar em direção a lua, mas ainda mais que isso... ele queria saborear seu corpo inteiro, para se embeber com aquele odor em todos os seus poros.

Ele franziu a testa quando percebeu por que sua presença era tão forte, ela estava dormindo no sofá.

Teimosa.

Ele sorriu relutantemente. Ele devia ter sabido que ela faria isto quando ela não discutiu com ele. Ela gastou mais de uma década cuidando dele também. Ele ria de seus esforços às vezes, achando genuinamente surpreendente que esta pequena mulher humana podia pensar que ele precisasse dela para protegê-lo de qualquer forma.

Embora ela não soubesse que ele era um *werewolf*, ela sabia que ele era um homem forte... e determinado. Só que desta vez, ela conseguiria a seu modo. Normalmente, ele só a teria acolhido e a

teria posto na cama, mas ele não podia confiar em si mesmo para tocá-la. Ele a queria muito. A lua cheia e sua mudança estavam ficando mais próximas a cada hora, fazendo com que ficasse cada vez mais e mais difícil de controlar seus impulsos mais básicos.

Ele remexeu o fogo, tentando ignorar a atração de sua essência. Depois de colocar outro grande tronco, ele entrou no quarto e fechou a porta. Pulando para um repouso do atormentador aroma sedutor nele, ele gemeu de dor quando ele viu as roupas dela dobradas com cuidado em uma pilha limpa em cima da cômoda.

Ele as pegou, segurando-as o mais longe possível de seu corpo e as levou para o outro cômodo. Ele as deixou em cima do fogão à lenha. Ele poderia dizer a ela que queria que suas roupas estivessem quentes para ela na manhã seguinte, se ela perguntasse.

Felizmente, o odor que permanecia quando ele voltou no quarto era suave. Ele fechou a porta e abriu a janela, deixando um gelado ar fresco ajudar a mascarar isto.

Como estava, ele duvidava que conseguisse dormir aquela noite.

Frankie acordou pulsando entre suas pernas por conta de um sonho com Ty, rolou e caiu do sofá estreito para o chão duro da cabana.

— Ooph... — Ela subiu em seus joelhos, ainda desorientada de sono.

— *Jeez*. Acredite-me quando caio da cama aos vinte e seis anos de idade.

Levantando-se, ela estremeceu com dor. Seu pescoço e costas estavam machucados por causa da posição dura no sofá, e ela apostaria sua cópia favorita do Manual Merck Veterinário que ela iria ter um grande hematoma purpúrea em seu quadril amanhã.

O quarto principal estava esfriando e ela percebeu que o fogo precisava ser remexido novamente. Ela ficou surpresa que Ty não tivesse saído para fazer isto. Ele deveria estar dormindo muito pesadamente. Ela cuidou disto e então tentou esticar as cãibras.

Só levou alguns segundos para se esticar e perceber que qualquer tentativa de dormir pelo resto da noite no sofá seria frustrada.

Se ela deslizasse na cama de Ty, ele nem notaria. Era tão grande. Sua insistência de eles não compartilharem era simplesmente estúpida. Então, certo... ele não queria fazer amor com ela, mas ninguém estava pedindo para ele. Ela só queria um lugar confortável para dormir sem se sentir culpada de saber que ela estava marcada para ser sua melhor amiga e para o purgatório do mínimo sofá.

Ela abriu a porta para o quarto tão quietamente quanto podia e andou nas pontas dos pés em direção à cama. Estava congelando. A pele arrepiada pelo choque a desarmou.

— O que você está fazendo, Frankie? — A voz de Ty era grave e baixa, mas não sonolenta.

Também não era nem um pouco de boas vindas.

Já que ele estava acordado, ela não fez nenhum esforço para ficar quieta quando ela foi para a janela.

— Está aberta. Você é louco?

— Eu gosto de ar fresco quando eu durmo.

— Bem, você vai ter que ficar sem isso hoje à noite. — Ela fechou a janela com um estalo.

— Para inferno com a janela; O que você está fazendo aqui? — Pareceu como se ele tivesse respirado fundo e deixara a voz sair lentamente. — Maldição. Isso não é inteligente. Você deveria estar no sofá. — Ele disse isso como se dissesse que ela tinha fugido de seu dever para com a paz mundial ou algo assim.

— Eu caí do sofá. — Ela fez careta na admissão.

— Você está bem? — Toda irritação drenou de sua voz para ser substituída por preocupação imediata.

Como ela iria deixar este homem?

— Para falar a verdade não. — Ela suspirou.

— Eu contundi meu quadril e eu não posso ficar confortável no sofá novamente.

— Você tem que tentar.

— Eu não quero. É impossível, Ty.

— Você não pode dormir aqui comigo. — Ele ralhou, a suavidade desvanecendo tão rápido quanto aparecera para sua voz.

Ela o ignorou. Às vezes você tem que fazer isso com homens mandões. Ela cruzou o quarto e subiu na cama no lado oposto de Ty.

— Só finja que eu não estou aqui.

— Eu não posso fazer isto.

Ela rolou seus olhos na escuridão.

— Eu prometo não chutar.

— Você está respirando. Isto é suficiente.

Ela virou seu lado para longe dele.

— Supere isto, Ty. Eu não vou voltar para o sofá.

— Você escolheu dormir naquilo, para deixar todo seu cheiro por ele. Eu não posso ir dormir lá agora.

Ótimo, agora ele estava dizendo que ela fedia. Bom.

— Então eu cometi um engano.

— Sim, você o fez.

Ela se voltou para enfrentá-lo e percebeu que ele se movia através da cama. Seu rosto estava a menos que seis polegadas do seu.

— Você não parece tão bem.

— Você está vestindo minha camisa. — Ele soou ao mesmo tempo pasmo e irritado.

— Você quer que eu a tire?

— Sim.

Ela ofegou.

— Não. Maldição. Volte para o outro quarto antes que eu faça algo que nós dois lamentaremos.

— Você está falando de sexo?

— Sim.

Seu corpo pulsou com necessidade daquele pequeno afirmativo e de uma verdade que ela brigava que anteriormente havia se instalado dentro dela.

— Eu não lamentarei.

Ela fora designada para ele... ainda que ele não a quisesse de um jeito “para todo o sempre”.

— Sim. Você irá. Agora, vá. — Ele soou mais como um animal selvagem que um homem.

Ela levantou sua mão e tocou o tórax dele.

— Não. Ainda que seja só sexo, eu o quero.

Seu grande corpo estremeceu e um gemido baixo rugiu em seu tórax.

— Por favor, Ty, faça amor comigo.

Ela queria uma memória para levar com ela. Ela sempre pensaria que era estúpida quando outras mulheres disseram a mesma coisa, mas agora ela compreendia. Era tão inteiro "melhor ter amado e perder, do que nunca ter amado mesmo".

Sua amizade estava terminada. Ele poderia ter um tempo duro aceitando isto, mas ela não podia continuar como eles tinham sido. Hoje à noite era tudo que eles partilhariam um do outro, e ela quis tanto dele como ele daria a ela. Poderia ser estúpido, mas ainda que tudo que ele daria a ela era sexo, ela tomaria isto.

Esta noite.

— Mudará tudo.

— Eu sei.

— Você pertencerá a mim.

Era só o que ela desejava, mas ela respondeu com uma verdade que ele nunca entenderia.

— Eu já pertenço.

Ele veio sobre ela em um arrebatamento que a deixou estendida sobre a cama.

— Eu vou saborear cada pedacinho de você, Pequenina.

Ela enrolou seus braços ao redor dele, deleitando-se em seu calor.

— Oh... simmm...

Sua boca se apertou sobre a dela no beijo mais voraz que qualquer coisa ela já tivesse conhecido. Uma fome negligenciada por um tempo extremamente longo surgia de dentro dela para se encontrar com ele, e ela o tocou, explorando onde quer que seus dedos pudessem alcançar. Ele gemeu quando ela traçou os contornos de seu rosto ao redor de seu lábios fechados e estremeceu quando ela escovou a nuca de seu pescoço com suas pontas dos dedos tremulas.

Suas mãos viajaram abaixo.

O fato de que ele não vestia nada para ir para a cama foi registrado ao mesmo tempo em que ela sentia que seu pênis duro acomodava-se entre suas coxas, enviando uma onda de excitação e prazer através dela.

Os lábios dele se afastaram dos seus.

— Eu quero você agora. Sem espera.

— Sim. — Ela separou suas pernas, pronta para ele, pelo seu sonho e seu desejo que queimava dentro dela durante todo o dia.

Ela também não queria esperar. Isto era muito primitivo para ser prefaciado com toques tenros. Era estimulação em sua mais básica essência e eles dois vibravam com isto.

Ele empurrou para dentro dela sem qualquer vacilação, sua boca seguindo até o seu pescoço e apertando a base sensível de sua carne. Ela dera alguma mordidas de amor antes, mas nada era igual a isso. Parecia que ele romperia sua pele com seus dentes, mas não acontecia e o prazer era somente este lado de dor.

— Ty... — Seu nome terminou quebrado e rouco.

Ele ronronou profundamente em sua garganta e penetrou mais fundo, reivindicando seu corpo com primitivo poder.

O prazer crescente a sacudiu sem lhe dar chance de se preparar, ou mesmo imaginar que seu clímax viria tão rápido e com tamanha força, como o fizera. Ela gritou seu nome enquanto seu corpo convulsionava tão forte que ela quase o atirou fora dela. Ele lançou sua cabeça para trás e uivou como um lobo.

Era a coisa mais sensual que ela jamais ouvira e ela alcançou o clímax novamente, logo no pico de seu primeiro, seu corpo ficando completamente rígida debaixo dele.

Ele manteve o ritmo, sua semente quente esporeando dentro dela no clímax mais longo que ela já vira um homem experimentar.

Depois do clímax que agitou seu corpo, ela se sacudiu contra ele enquanto ele continuava a liberar seu prazer.

Finalmente, ela não pode tomar mais e desmoronou em desordem sem forças debaixo dele. Com um uivo final que abalou seus sentidos, ele juntou-se a ela, seu corpo caiu sobre ela em um monte flácido.

Estava tão bom tê-lo cobrindo-a assim, estando tão intimamente perto dele que ela nem ligou para o fato de que respirar era um desafio.

Mas ele deve ter notado porque rolou e ficou tombado de costas. Ela o seguiu, aconchegando-se em seu corpo com uma sensação de firmeza e acolhimento que ela não sentia desde a morte de seus pais, mais de uma década antes.

Era uma ilusão, mas ela revolvía-se nisto, querendo que durasse.

— Isso foi bom. — A voz de Ty retumbou pelo tórax. Ela riu suavemente.

— Esta é uma palavra para isto. Cataclísmico é outra.

Ele deslizou para fora de debaixo dela, ficando ao seu lado para assim poder encará-la e sorriu.

— Talvez nós devêssemos ir para Richter-eleven earth shaking⁸.

O quente desejo em seus olhos depois de tanta paixão despendida a deixava chocada até mesmo pelo modo como seu corpo respondeu a isso.

— Agora mesmo? Você não precisa de algum tempo?

Seu clímax tinha sido tão longo e poderoso que ela não pensou que ele poderia conseguir ficar duro em pelo menos algumas horas.

Ele tomou seu pulso e guiou sua mão para sua grande, e a cada segundo, maior ereção.

— Isto parece que precisa de algum tempo?

— Uh... não...

⁸ Terremoto de 11° na escala Richter.

Capítulo Cinco

Ele soltou um riso baixo, um som mais sombrio que humorístico, e a colocou de costas, assomando acima dela em uma expectativa predatória.

— Você percebe que isso significa também que você não terá descanso?

Ela enrolou seus dedos ao redor de seu duro e comprido membro e começou a masturbá-lo.

— Está tudo bem por mim. Eu o quero há tanto tempo... que eu poderia fazer amor com você para sempre.

Ela poderia estar exausta, mas sua parte que já estava morrendo por tê-lo dentro dela novamente não deu nenhum crédito para aquele fato.

Algo veio e foi embora em seu olhar azul, mas ela não teve tempo para ponderar sobre isto porque ele se curvou e lambeu de sua clavícula até a orelha, fazendo cócegas com sua língua.

Ela deu uma risadinha.

Ela pode sentir seu sorriso contra a pele.

— Eu disse a você que eu queria te saborear.

— Você vai me lamber? — Ela perguntou. — Por toda parte?

— Sim.

— Só se eu conseguir retornar o privilégio. — Sua voz terminou ofegante e não era nenhuma novidade. O pensamento de saborear seu grande corpo era suficiente para fazer sua mente se ascender com a fome.

A mão que descansava em seu quadril se contraiu em um aperto quase doloroso.

— Eu quero isso.

Mas ele a fez esperar até que ele tivesse usado sua língua para atormentar cada polegada de sua pele. As coisas que ele fez com seus mamilos e coxas internas eram provavelmente contra a lei em alguns estados... eles eram certamente indecentes. Ele saboreou partes de sua carne que ela nem sequer pensaria que saborearia, e algumas que ela só sonharia em suas fantasias mais secretas.

Quando ele alcançou seus dedões do pé, ele chupou cada um como se fosse um pirulito. Ela tremeu e gemeu e se balançou na cama, espalhando suas pernas em um convite descarado.

— Eu preciso de você, Ty... por favor.

Ele ergueu sua cabeça e se debruçou sobre seus pés, com uma expressão má.

— Eu pensei que você quisesse me saborear também.

— Eu quero, mas eu não acho que consiga me mover agora mesmo. — Ela admitiu.

Ele não deu chance. Mais rapidamente do que ela pudesse imaginar, ele estava ao lado dela na cama, girando-a, puxando-a para cima a colocando em seus joelhos e entrando por trás dela.

Oh, uau. Ele era grande... tão grande... e duro, como ferro fundido quente da forja dentro dela. Ela se balançou de volta na direção dele, apertando a parte inferior de seu estômago e choramingando com encanto quando ele foi ainda mais fundo.

— Assim, bebê. Tome tudo de mim. — Ele a puxou de volta e então empurrou novamente.

— Você está tão apertada, tão molhada.

Suas mãos rodearam-na até alcançar sua frente, uma para tocar seu dolorido clítoris e outra para brincar com seus já duros e inchados peitos, indo de um lado para outro entre eles em um ritmo que era garantia para deixá-la louca.

Ela nunca esteve tão excitada.

Nunca.

Ela gemia enquanto ele empurrava dentro e fora, batendo naquele lugar que ela só lera sobre em revistas de mulher. Oh, meu Deus... ela realmente tinha um ponto G, e era este. Ela riu triunfante, mas o som saiu como em um gemido desesperado quando ele pegou seu mamilo entre o polegar e o indicador e o apertou.

— Você é tão bom nisto. — Ela arquejou.

— Sou? — Ele perguntou, como se ele realmente não soubesse.

— Oh, por favor, não me diga que ninguém te disse isso antes. — Não que ela gostasse de pensar sobre ele com outras mulheres. Melhor dizendo, ela odiava isto, mas ele era um amante bom demais para não estar ciente de sua destreza.

Ele agarrou seus quadris com ambas as mãos e socou nela.

— Não. — Ele disse, soando irritado.

— Ninguém jamais disse isso para mim nessa situação antes.

Por que ele estava bravo?

Ela não tinha nenhuma esperança em descobrir isso agora. Ele a estava amando tão duro e tão rápido que seus pensamentos se fragmentaram a nada em uma explosão de faíscas.

O prazer se abateu sobre ela, apertando seu útero até ela se sentir como se fosse morrer se ela não viesse novamente.

Ela entrecortadamente choramingou, não sabendo o que fazer.

— O que foi, bebê?

— Eu quero gozar.

— Então goze.

— Eu não posso. — Ela lançou sua cabeça para trás e bateu em seu tórax.

— Toque-me novamente. Por favor, Ty.

Ele aninhou sua orelha, sua respiração quente e sua língua molhada em sua carne sensível, enviando calafrios por ela.

— Toque-se.

— Não, eu... — Ela nunca faria aquilo na frente de um homem. — Eu não posso. — Ela ofegou fora.

— Sim, você pode.

— Eu cairei. — Ela disse desesperadamente, se apegando em desculpas.

— Eu a segurarei. Faça. — Então ele puxou suas costas assim ele ficou ajoelhando atrás dela e ela ficava sustentada sobre suas coxas.

Ele continuou empurrando, mas suas mãos ficaram freneticamente presas aos quadris dela. Ela provavelmente teria contusões ali mais tarde por causa do aperto, mas ela não se importava, ela só queria vir. Cada punhalada batia em seu ponto G, enviando sensações por todos seus nervos os sobrecarregando, mas isso ainda não era o suficiente.

Ela gemeu.

— Você sabe o que precisa fazer. — Ele sussurrou sedutoramente em sua orelha.

— Você vai negar isso a si mesma?

Como ela poderia fazer isto? Como ela poderia gozar quando ele estava dentro dela, assistindo, sentindo cada contração, cada sacudir de seus quadris?

Mas sua necessidade de liberação estava alcançando um nível agonizante e o ponto de prazer em que ela estava se tornou mais provação que proveitoso. Desesperada, ela levou sua mão entre suas pernas. A sedosa umidade lá estava maravilhosa e seu corpo se agitou de regozijo quando ela permitiu que se acariciasse o botão inchado que precisava muito ser tocado.

Os braços dele a rodearam, os dedos de um mão se embaraçando com os dela entre suas pernas, e o outro segurando seu peito direito.

— Isso mesmo, Frankie. Oh, querida... você está tão quente e suave. Tão perfeita.

O efeito combinado de suas palavras e a sensação de seus dedos juntos em seus clitoris a mandou ao seu limite. Ela convulsionou em uma contração arrebatadora e uma depois da outra continuavam, seu corpo arremetendo e curvando. Ty a segurou contra ele com uma força além de

sua compreensão e com os dedos deslizando lentamente de cima abaixo em seu ponto doce e pulsante ele ainda continuava gentil.

Ela gritou seu nome entrecortadamente, deixando que ele controlasse o modo com que ela se tocava porque ela não podia fazer qualquer outra coisa enquanto ele a empurrava para e além dos limites de seu prazer que ela nem sequer abordaria.

— Isto é bom. — Ele mordeu seu lóbulo da orelha.

— Muito bom.

Mas era demais. Ela tentou parar o tormento, seu clímax acabou, mas os impactos depois do golpe eram tão intensos que ela não podia aguentá-los.

— Pare... por favor... Ty... não mais.

Ele continuou e apertou sua mão sobre a dela, cobrindo seu montículo em um gesto que era ao mesmo tempo possessivo e protetor.

As lágrimas da liberação e do júbilo opressivo sensual gotejavam sob suas bochechas enquanto ela relaxava contra ele. Ele segurou seu corpo contra o seu em total intimidade. O momento era profundo e ela não tinha desejo nenhum para conversar. Ela respirava eventualmente retornado a um padrão mais normal, a tensão do seu corpo se esvaindo, mas ele permanecia duro dentro dela.

— Você está pronta para me saborear agora?

Incrivelmente, ela estava.

— Sim.

Ele a ergueu a tirando dele e a girou para enfrentá-lo. Eles estavam ajoelhados.

Ele alcançou e tirou suas lágrimas.

— Você está bem?

Ela movimentou a cabeça.

— Isso foi incrível. Você é incrível, meu amor.

— Foi melhor do que você teve antes?

Ela não podia acreditar que ele precisasse perguntar.

— Eu nunca conheci nada parecido com isso.

Seus olhos a queimaram com selvagem possessão.

— Bom.

— Você se levantará para mim? Ela perguntou.

Ele não respondeu, mas rastejou para fora da cama e permaneceu ao lado dela, seu grande corpo parecendo muito mais alto e mais largo que o habitual. Ela o alcançou com ambas as mãos e as colocou contra o cabelo encrespado de seu peitoral. Deus, ele era bem desenvolvido.

Ela se debruçou adiante e beijou o centro de seu tórax.

— Você é um homem grande. — Ela respirou contra sua pele lisa e suada.

Ela arrastou sua cabeça abaixo e começou a saboreá-lo com sua boca, beijando-o. Ela tentou derramar o amor que ela sentia em seus lábios por boca dele, ainda não pronta para dar abertura às palavras em intimidade. Ela partiu para saborear a superfície áspera de seu queixo com a barba por fazer.

Ele era salgado e gostoso e tudo o mais. Sua boca deslizou primeiro para uma orelha e então passando através de seu rosto para a outro, saboreando como ela queria, antes de viajar abaixo ao seu pescoço.

— Você tem um gosto especial... como nada mais na Terra.

Ele não disse nada, mas ela não esperava que o fizesse. Se ele sentisse metade da maravilha que ela estava sentindo, ele seria incapaz de falar.

Ela se moveu mais abaixo em seu corpo, lambendo o suor salgado de seu tórax e então suavemente o pequeno montículo duro de suas mamilos. Ela o contornou em direção as suas costas e continuou sua jornada de saborear e tocar, sua respiração começando a ficar rápida novamente enquanto seus dedos localizavam os músculos bem desenvolvido de suas costas.

Quando ela voltou para sua frente e se colocou de joelhos, ele fez um som penetrante que enviou calafrios entre suas pernas.

Ela beijou seu masto, pasma com o tamanho e calor daquilo.

— Leve-me em sua boca. — Ele exigiu.

— Sim. — Ela abriu mais seus lábios e o colocou na boca.

Os quadris dele se direcionaram para a frente e ele bateu no fundo de sua garganta. Ela tentou não engasgar, mas ele era grande e ela não estava acostumada com isto. Ela se apertou contra seus quadris até que ele a deixou ajeitar a profundidade e o passo. Ela podia se saborear nele e ela nunca tinha feito isso também. Era estranho e ainda assim muito excitante, mais íntimo que qualquer coisa ela já conheceria.

O líquido da pré-ejaculação deslizou através de sua língua e sua doçura salgada a surpreendeu também. Ela nunca gostava de fazer sexo oral com nenhum amante que ela tivera, mas ela gostou dessa vez.

Ela costumava pensar que ela odiava o gosto da ejaculação do homem, mas ela não se importaria se ele explodisse em sua boca.

Ty tinha outras ideias. Ele afastou sua cabeça e a ergueu contra a parede. Ela embrulhou suas pernas ao redor dele e então gemeu entrecortadamente quando ele surgiu dentro de sua passagem inchada e hipersensível.

Ele fez amor mais suavemente desta vez, suas punhaladas tenras e medidas, como se ele estivesse prolongando seu prazer. Ela não podia acreditar em sua fibra, não só por ele ainda não ter chegado à culminação, mas também por ele conseguir manter o passo quando outro homem já teria desmaiado de esgotamento.

Não mencionar o fato de que ele estava a segurando no ar como se ela não pesasse mais do que uma criança, e com seus 1,75, ela não era nenhuma criança.

Ele parou de empurrar e andou de volta com um movimento em direção à cama.

— Eu preciso estar em cima de você.

— Sim. — Ela não soube por que, mas isso parecia certo.

Perfeito, até.

Ele conseguiu colocá-los na cama sem quebrar sua íntima conexão enquanto ele se colocava sobre ela, seu corpo circundante completamente ela.

Sua forma de amá-la tomou uma dimensão surreal enquanto ele a levava a mais orgasmos sem tomar seu próprio prazer. Quando ele finalmente veio, ela era um pacote flácido e suado de nervos pulsantes debaixo dele.

Ele uivou novamente, desta vez por mais tempo e mais alto que da última vez.

O som trouxe respostas lamuriantes de prazer de sua garganta e ela alcançou sua garganta onde o som vibrava contra as pontas de seus dedos.

Ela amou isto. Amava-o, provavelmente mais do que ele jamais saberia ou aceitaria.

Posteriormente, para seu deleite, eles se abraçaram juntos na cama e deslizaram em um sono de exaustão.

Ele a despertou mais três vezes para fazer amor, quando amanheceu.

Ela estava tão cansada e satisfeita que permitiu que ele fizesse tudo daquela vez, e encontrou um prazer peculiar em sua submissão baseada no esgotamento. Ele pareceu gostar disso também, louvando seu corpo e sua resposta a ele com palavras que ela nunca pensaria ouvir de sua boca.

Ela acordou mais tarde enrolada debaixo de uma colcha aconchegante e morna. O outro lado da cama estava vazio, mas o odor de Ty e a fragrância do amor deles permaneciam. Ele deveria ter levantado para remexer o fogo no fogão. O quarto estava certamente morno o suficiente.

Seu olhar se lançou para a janela. Ela não podia acreditar que ele teve que abri-la na noite anterior. A tempestade acabara e a posição do sol no céu dizia que já passava do meio-dia. Nada surpreendente, considerando como eles gastaram as horas da noite e da madrugada.

— Ty? — Ela chamou.

Ele entrou pela porta do quarto, seu pênis semi ereto, e ela se perguntou se havia acordado completamente.

— Acordada?

Ela movimentou a cabeça, sem estar certa do que dizer na luz fria do dia. Ele começaria a falar sobre como ontem à noite tinha sido um engano?

Ela não sabia se poderia aguentar se ele fizesse isso. Ela disse a ele que ela o queria mesmo que fosse só sexo, mas o que aconteceu na noite passada e naquela manhã não estava restrito ao reino do físico. Ela o deixou tão fundo em seu coração que ela nunca conseguiria tirá-lo sem arrancar uma parte de sua alma.

Sua nudez e estimulação crescentes subentendiam que *engano* não era a palavra que estava para escapar de seus lábios no momento, mas mesmo assim, ela esperou em silêncio enquanto ele se aproximava da cama.

Ele não deu a ela nenhuma chance de conversar uma vez que ele estava lá, como ele deixou também muito claro o que ele queria dela e não era uma necrópsia. Seu toque era tenro e gentil, mas toda vez ela abria a boca, ele a fechava com seu lábios ou com seu dedo apertado contra sua boca.

Ele não queria conversar.

Ela podia lidar com isto. Pelo menos ele não estava dizendo adeus.

Ela não sabia quanto tempo ele acariciou seu corpo, mas sentiu como se tivessem sido horas antes dele se posicionar sobre ela.

Ela estremeceu com uma leve dorzinha quando ele tomou posse dela, mas ele não percebeu isto porque sua boca estava ocupada sugando um latejante mamilo pulsando. E ela não disse nada. Ela estava apreciando demais sua intimidade, apesar da chaga que ela provou nunca ter feito amor com tal completude e havia muito tempo que ela havia feito amor de qualquer forma.

Desta vez eles chegaram ao ápice juntos, seu clímax alimentando-se do prolongado orgasmo dele, até que ela alcançou um nível de prazer que ela se sentia no semi-esquecimento. Ela estava apenas marginalmente ciente de sua punhalada final e do uivo que ela esperava em sua conclusão.

Enquanto ele se situava contra ela posteriormente, as palavras que ela tanto tentara não dizer a noite anterior rasparam de suas cordas vocais cansadas pelos gritos de êxtase.

— Eu amo você, Ty.

Ele ficou duro e rolou para fora dela em um repúdio físico inconfundível pelas palavras. Seu coração se apertou e ela girou sua cabeça, precisando ver algo em seu rosto que dissesse que ele não quis dizer aquilo com o movimento.

Tudo que ela viu era frieza pétrea.

— Ty?

— Então você me ama.

— Sim.

— Tanto que quando eu me recusei a fazer sexo com você ontem você me disse que não queria ser mais minha amiga.

— Eu sinto muito ter machucado você. Não é como você está pensando. Eu estava no limite de minhas emoções e forças com você, Ty. Eu não estava tentando manipulá-lo.

— Você não estava? As mulheres humanas são boas nisto.

— Ao invés do que, *animais*? — Ela perguntou, sua voz cheia de sarcasmo.

— Ao invés do meu tipo. — Ele disse, uma espécie de ira impotente pulsando em sua voz.

— *Seu tipo*? Sobre o que você está falando?

Ele fez uma careta como se ele não quisesse dizer o que ele tinha dito.

— Eu explicarei depois que você me disser se esse seu tal amor vai nos levar ao casamento.

Ela se sentou em posição de defesa, arrastando a colcha com ela como uma coberta acima de sua nudez, que ela não se sentia confortável em compartilhar com ele no momento. A luz solar que entrava pela janela pôs seus traços ásperos relevo e não existia nenhum conforto lá para sua alma faminta.

— Não é um *tal amor*, é real, Ty. — Tão real, que sua atitude estava cortando-a em tiras.

— Então você se casará comigo.

— Você está dizendo que você quer se casar comigo? — Ela perguntou, incapaz de acreditar no que ele estava oferecendo, a sua esperança mais querida com tal falta de emoção.

Ainda por cima, depois de tudo que ele havia dito no dia anterior, a proposta — como era — não fazia nenhum sentido.

Ele se sentou ao lado dela e ela teve que abafar o desejo de alcançá-lo e tocar os músculos graciosamente moldados de seu tórax. Ele era tão perfeito.

Ele levantou um joelho e deixou seu braço descansar sobre ele, sua pose casual em conflito com a tensão que emanava dele.

— Eu não tenho escolha. — Sua mão bateu em forma de punho no lençol, suas juntas brancas de tensão.

— De acordo com a lei do bando, nós já estamos casados. Até que a morte nos separe.

— *Lei do bando*? — Ela se sentiu vagamente desorientada, como se ela andasse em um daqueles brinquedos de feiras onde tudo parecia estar mais longe do que realmente estava.

— Eu acho que você precisa explicar isso agora. Isto não está me ajudando.

— *Primeiro* me diga se você vai casar-se comigo.

— É isso que você quer? — Ela perguntou novamente.

— Eu disse a você, eu não tenho escolha.

O qual era uma resposta, ela supôs. Por alguma razão, ele acreditava que tinha que casar-se com ela, mas era evidente que ele não queria.

Ela virou sua cabeça para longe, incapaz de permanecer mais um segundo da consideração glacial dele.

— Entendo.

— Não, você não entende. Eu quero que você se case comigo, certo? — Ele suspirou, soando impaciente. — Eu preciso saber se você estava me dizendo a verdade ontem à noite quando disse que me pertencia.

Ela tragou, enfocando na neve branca contra o céu azul de Montana claro do lado de fora da janela.

— Eu sempre pertenci a você.

— Eu acho que você acredita nisso agora.

Ela virou seu olhar de volta para ele.

— Por que você está tão cínico?

— Eu parei de acreditar em contos de fadas muito tempo atrás.

— E casamento entre nós, amor... isso é tudo um grande conto de fadas em sua mente?

— Não. — Ele segurou no queixo dela, seu olhar queimando por ela.

— É muito real. Eu preciso saber se é real para você também.

— É real.

— Então nós nos casamos.

— Só assim?

— Se você me amar como você diz, você se casará comigo.

— E você me ama?

— Você recusará casar comigo se eu não sentir?

Ela considerou. Ele não estava agindo como se estivesse muito excitado ante a perspectiva de casamento entre eles, embora ele dissesse que o queria. De fato, ele era completamente mal-humorado (estranho), mas esse era Ty, seu melhor amigo por mais de uma década e o homem que ela amava por tanto tempo quanto.

Todavia, pela sua atitude recente, ela sabia que ele se importava com ela. Muito. Ele tomou conta dela por anos, e normalmente eles se divertiram muito juntos muito mais do que qualquer

outra pessoa. Ele também provou muito além da sombra de dúvida na noite anterior que ele fisicamente a desejava. Mas isso era suficiente para um casamento dar certo entre eles?

— Eu não tenho certeza. Antes de eu poder responder isto, eu tenho que entender por que você *diz* que quer casar comigo, mas age como se preferisse montar um cavalo indomável numa sela de senhora.

Ele respirou fundo e soltou o ar antes de se ajustar mais confortavelmente contra a cabeceira.

— Para entender, você terá que aprender algumas coisas sobre mim, coisas que muito poucos conhecem. Eu não posso dizer nada a você antes que você me prometa que não importando o que você decidir, você manterá o segredo da minha família em segurança.

— Eu prometo. — Ela disse sem vacilação.

— Eu sou um *werewolf*, um lobisomem.

Ela balançou a cabeça, sentindo como se ela tivesse bolinhas de gude rolando lá dentro ao invés de seu cérebro. Ty era o homem mais prático que ela já conhecera. De forma alguma ele teria dito o que ela pensou.

— *De novo...*?

— Eu sou um *werewolf*. — Ele fez uma pausa, olhando-a impacientemente quando ela permaneceu muda. — Um licanthropo... um trocador de forma.

— Eu sei o que é um *werewolf*. Eles são os sujeitos que ficam todo cabeludo durante a lua cheia e saem em matança fazendo alvoroço no cinema... — Oh, *yuck*. Esta *revelação* tinha todo o jeito de um pesadelo do qual ela queria acordar.

— Ty, isto não é engraçado. Você não é nenhum assassino.

— Não, eu não sou, mas eu sou um *werewolf*. *Werewolves* não são mitos de folclore. — Seu rosto torcido com desgosto.

— Embora muito do que o mundo acredita sobre nossa espécie não passa disso. Nós somos humanos, mas não somos. Os humanos de natureza animal lutam para suprimir uma maior parte de nossa natureza, mas nós não perdemos nossa humanidade por causa disto.

— Então, só é uma coisa interna? — Ela não podia acreditar que eles estavam tendo esta conversa.

De toda as conversas de *DR's*⁹ que ela imaginou ter com Ty McCanlup, ele tentando convencê-la que ele era algum tipo de monstro não era uma delas. Ele não parecia nem soava louco, mas suas palavras eram o tipo de coisa que fazia com que pessoas fossem trancadas na *funny farm*¹⁰.

— Não. É muito mais que uma ilusão interna. — Ele disse, indicando que sabia a direção de seus pensamentos.

⁹ Discutindo a relação.

¹⁰ Gíria pejorativa para hospital psiquiátrico.

E por que ele não devia? Ele a conhecia melhor que qualquer outro no mundo. Mas se o que ele dizia era verdade, ela não o conhecia mesmo.

— Você não pode estar falando a sério, Ty.

— Eu estou. Muito. A lua cheia chega às quatro e dezesseis desta tarde e com ela, eu me transformarei em um lobo, mas dentro ainda serei eu com todo meu conhecimento, todos os meus pensamentos, tudo meu. Você ainda pertencerá a mim.

Ela não era do tipo que se deixaria levar com isso. Ela pertencia a um lobo? Provavelmente não.

— *Hoje?* — Ela perguntou em um chiado quando o significado do que ele estava dizendo a atingiu.

— Sim.

— Você vai ficar todo cabeludo?

— Eu ficarei mais que cabeludo; Eu empreenderei a forma de um lobo completamente.

Por alguma razão, a imagem do lobo que ela encontrara quando era adolescente veio, mas ela a afastou. A situação era bizarra o suficiente sem que ela ficasse fantasiando. Ela queria admitir as palavras de Ty como uma piada ruim, ou talvez até uma loucura temporária, mas ele estava muito sério, muito obviamente seguro dele mesmo para ela fazer isto.

— Você não está brincando, não é? Você realmente pensa que você vai se transformar em um lobo mais tarde.

— Eu não só acho, eu sei.

Ela agitou sua cabeça, incapaz de acreditar, apesar dele estar tão convicto.

Ele deixou escapar um suspiro impaciente.

— Você lembra do lobo que veio para você quando você estava chorando no lago quando tinha quinze anos?

Um calafrio patinou sob sua espinha.

— Sim, mas eu disse a você sobre ele. Eu suponho agora que você vai reivindicar que aquele era você, ou algo.

— Era. Foi a primeira vez que eu beijei você.

— Você não me beijou.

— Sim, eu beijei.

E ela lembrou como ele lambeu as lágrimas salgadas de seu rosto. Ela fez um som estrangulado em sua garganta, mas nada saiu.

— Era eu.

— Não. — Ela sentiu lágrimas surgirem em seus olhos. Ou ele falava a sério e precisava de ajuda psicológica, ou ele estava tentando muito mandá-la embora. De qualquer modo, machucava.

— Você nunca me disse o que fez depois que o lobo foi embora.

Não, ela não o fez. De modo algum ela diria a ele.

— Você tirou suas roupas e foi nadar. Eu a assisti das árvores. Você estava tão bonita e eu queria tanto me juntar a você, mas eu não podia controlar minha mudança e eu sabia que se eu voltasse para você eu a assustaria.

— Mas você não foi só nadar... você saiu da água e se secou ao sol. Então você fechou seus olhos e se tocou... e você disse o meu nome quando veio. — Seus olhos queimavam ela com uma paixão raivosa que ela não entendeu.

— Eu quis uivar de frustração, você estava tão bela, mas eu não podia ter você.

O calor da vergonha subiu as bochechas e ela evitou seu rosto. Ele a viu, certo, porque ele não podia ter adivinhado o que tinha acontecido. Ele assistiu ela se dar prazer assim como ontem à noite, a diferença era que daquela vez ela não sabia que tinha audiência.

— Você não podia ter me ouvido dizer seu nome. — Ela disse, tentando se apegar ao reino da realidade. — Ninguém estava perto o suficiente.

— Eu estava. Os lobos têm audição superior ao dos humanos. Você sabe disto.

Sim, ela sabia, mas a fim de aceitar que ele a ouviu, ela tinha que acreditar que ele tinha sido o lobo e era muito fantástico. E ainda assim nada fazia qualquer sentido.

— Você nem sequer me notava naquela época.

— Você está errada.

— Mas você sempre paquerou com as outras meninas.

— Elas eram seguras. Eu não as queria... ou elas eram lobos fêmeas.

— Lobos fêmeas?

— Sim. Não pareça tão chocada. Como uma veterinária, você sabe que toda espécie de animal tem que ter dois sexos para acasalar.

— Mas você acasalou comigo ontem à noite... eu quero dizer fez sexo. — Ela não podia chamar fazer amor porque ele não disse nada sobre amá-la.

— *Werewolves* e humanos podem acasalar.

— Eles podem ter bebês? — Sua mente científica exigia saber.

— Às vezes. Quando é um laço sagrado.

— O que é isto?

— A resposta mais simples é que é um acasalamento entre dois *werewolves* ou um *werewolf* e um humano que resulta em descendência.

— Oh. — Ela queria questionar mais sobre isto, mas qualquer outra coisa que ele disse tomou precedência.

— Você disse que era segredo da sua família? Isto é como uma mutação genética?

— Do que nossos cientistas podem dizer, *werewolves* existem há tanto tempo quanto seus homólogos em contraparte.

— Humanos.

— Sim. Nós coexistimos, mas nossos modos são diferentes. A lei do bando toma precedência acima de lei humana.

Ela olhou fixamente para ele e um conhecimento irrefutável se firmou dentro dela. Ele acreditava totalmente no que estava dizendo, mas até mais que isto, ela acreditava nele também. Ela suspeitou por anos que existia algo diferente sobre a família de Ty, mas ela rejeitava seus pensamentos como fantasias tolas. Ela não podia rejeitar aquela sensação de verdade sobre o que ele estava dizendo agora.

Aquele encontro com o lobo... Ty... oh, nossa, ela ainda não podia acreditar que tinha sido ele... exceto que o encontro tinha sido real. Ela nunca duvidara e agora ela tinha que aceitar que a razão teve tal choque nela porque ela não tinha encontrado um lobo, mas um *werewolf*.

— Você pertence a um bando? — Ela perguntou com apenas um sussurro, sua mente ainda tentava entender esta nova realidade que ela enfrentava.

— Sim. Meu pai é o líder.

Isso não soou tão artificial quanto devia. King definitivamente era um líder entre os homens, por que não entre *werewolves*?

Oh, homem... licantropos em Montana rural. Ela agitou a cabeça, tentando limpá-la, mas seus pensamentos rodavam como um carrossel motorizado.

— Se o que você está dizendo é verdade, por que eu não soube sobre isto? Nós temos sido amigos desde que eu tinha doze anos de idade.

— Nós somos bons em manter nosso segredo. Nós temos milênios de prática.

— Mas eu tenho sido sua melhor amiga por quatorze anos... você não teria me contado? — O pensamento de que ele manteve algo tão substancial sobre sua natureza sem ela saber por tanto tempo a fez pensar novamente o quão bem ela realmente o conhecia.

— Obviamente eu não contei, mas eu sempre meio que esperei sua tia ou seu tio contarem.

— Eles sabem? Quem disse a eles? — Se tudo isso fosse real, então sua família saber disso enquanto ela não fazia ideia a machucava tanto quanto o fato de ele reter as informações dela em

primeiro lugar. E ele a machucou. Ela se sentiu traída mesmo que ela não tivesse direito nenhum para ter esse sentimento.

— E Marigold?

— Sim, ela sabe. — Seu lábio torceu zombeteiramente. — Demais.

— Por que eles e não eu? — Ela perguntou com uma dificuldade impossível de suprimir da voz.

Pareceu aborrecê-lo e ele franziu a testa, então ele puxou uma de suas mãos frias e colocou entre as suas, roçando-as juntas distraidamente. Ele a confortou deste modo muitas vezes ao longo dos anos e ela perguntou-se se ele estava ciente ao fazer isto agora.

— A bisavó da sua tia era uma *femwolf*, uma *werewolf*, mas não existe nenhum lobo nascido na família por duas gerações.

— Tia Rosa é um *werewolf*, *femwolf*... tanto faz?

— Não, eu disse a você...

— Sua família. Certo, eu entendo, eu acho, mas eu ainda não...quero dizer... por que nunca me disse?

Ele suspirou.

— Você não precisava saber. Não impactava nossa amizade.

Não impactava? Para ela parecia que ele tinha omitido uma bela parte dele mesmo. Do mesmo modo tinha feito sua tia no que dizia respeito a esse assunto.

— Se nós nos casássemos e tivéssemos crianças, eles seriam filhotes? — Ela perguntou a um súbito pensamento que a assustou mais que tudo.

— Não, filhotes não terão sua primeira mudança até a puberdade. Numa relação humano-lobo, não existe nenhuma garantia que qualquer descendente nascerá lobo.

— Isso aborrece você?

Ele inclinou sua cabeça ao lado, como se pensando sobre isso pela primeira vez.

— Não. Eu não penso que o faça. Eu amarei minhas crianças não importando o que eles são, mas ainda que eles sejam humanos, desde que eles escolham pertencer ao bando e participar de suas cerimônias, eles estarão sujeito a lei do bando.

— Isso parece assustador. — Ela disse com um calafrio.

— Pode ser. — Seu tom era sombrio e ela não duvidou disso.

— E se eles escolherem não pertencer ao bando?

— Então eles estarão sujeitos apenas à lei humana, mas eles também renunciariam a proteção do bando.

— E se eu casar com você, eu pertencerei ao bando?

— Essa é uma decisão que eu não posso fazer. Meu pai teria que aprovar seu acoplamento ao bando e você teria que querer, mas eu sempre protegerei você, não importa o que acontecer.

Lembrando o modo frio que King sempre a tratou, ela pensou que suas chances de ser aprovada como um membro do bando eram muito fracas.

— Seu pai vai ficar bravo se nós nos casarmos?

— Sim.

Seu coração apertou.

— Oh.

— Mas ele aceitará o casamento.

Ela não disse nada sobre aquilo, não estava tão segura quanto Ty de que seu papai aceitaria qualquer coisa.

— O gene *werewolf* é o recessivo? — Ela perguntou, não querendo insistir em problemas futuros enquanto sua mente estava lidando com as ramificações do que Ty estava dizendo a ela.

Ele encolheu os ombros.

— É mais complicado que isto, mas a ciência *werewolf* ainda não compreendeu os porquês disso tudo. Tudo o que nós sabemos é que se fosse um gene totalmente recessivo, acasalamentos fora da espécie nunca resultariam em descendência de lobo, e às vezes eles fazem.

— Fora da espécie?

— Quando um companheiro é um *nonwerewolf*.

— Você não quis acasalar com um humano. — Ela lembrou. — Eu quero dizer, isto era uma grande coisa para você se você estava me evitado desde que eu tinha quinze anos. — Muitas coisas estavam começando a fazer sentido.

— Até ontem, você me dizia que não queria aquilo comigo.

— Oh, eu queria você.

— Seu corpo o queria, mas sua mente não.

— Certo.

— Você sempre diz a verdade, até quando machuca. — Ela disse com uma risada cheia de dor.

— É uma característica de lobo. Nós somos bons em esconder o que somos, mas não mentindo diretamente.

Ela movimentou a cabeça, seu conhecimento dos animais fazendo todo sentido com aquela observação.

— Minha tia me disse que você estava interessado em Olivia...

— Ela é do nosso tipo.

— Você quis casar com ela? — Ela perguntou. Todos os sinais apontavam para aquilo, mas ainda, ela não podia acreditar nisto. Não depois de ontem à noite.

— Sim.

Ela olhou fixamente para ele sem acreditar.

— Você não quis dizer isto.

— Eu quis. Acasalar com Olivia teria sido o natural.

— Seu pai gosta dela, eu acho.

— Sim, ele gosta.

— Porque ela é seu tipo.

— Sim.

— Mas você não a quis! — A dor e raiva estavam rasgando por ela em uma torrente de devastação. — E ela não quis você.

— Eu planejei mudar isto.

— Só que eu entrei no caminho. — Se aprender que ele era um *werewolf* a estava sobrecarregando, descobrir que ele verdadeiramente planejava casar, acasalar com outra mulher estava a devastando.

Esta conversa tinha saído do incrível reino de fantasias para a tortura.

— Sim.

A confirmação de seu medo doía. Também a deixava zangada. Realmente, realmente zangada. Ela não tinha estado sozinha naquela cama ontem à noite e ele não tinha pensado em Olivia quando eles fizeram amor. Não é? E se ele fez sexo com ela porque ela estava perto... e Olivia não?

Ela não viveria sua vida como substituta de ninguém.

— Só porque nós fizemos sexo não significa que você não pode casar-se com ela. — Ela disse mordaz, sua fúria fazendo ela se sentir violenta. Ela não iria implorar por seu afeto. Ela não devia ter que fazê-lo. — Aquele tipo de coisa acontece o tempo todo.

Ele pareceu crescer com uma raiva que facilmente equipara a dela.

— *Você está errada.* Aquele tipo de coisa não acontece no mundo dos *werewolves*. Uma vez que nós acasalamos, é por toda vida um subproduto de nossa natureza animal e lei do bando. Diferentemente de humanos, nós não temos nenhuma infidelidade e não existe nenhuma disposição para divórcio em nosso bando.

— Você está dizendo que fazer amor é equivalente a acasalar para um *werewolf* ... para casamento?

— Sim.

— Oh, por favor.

Seu rosto dobrou em uma carranca feroz, seus olhos azuis escureceram com óbvio desgosto em seu ceticismo.

Ela fez uma carranca de volta.

— Isso significaria que toda mulher com a qual você fez sexo seria sua companheira. — Não tinha como ser verdade, entretanto... — Espere um minuto, você não tem múltiplos companheiras, tem? — Se sua pergunta terminou mais histérica do que pretendia, ela podia ser perdoada.

De modo algum ela se juntaria a um harém.

Mas ela não teria notado se ele tivesse vivido como algum tipo de licantropo sultão? Então novamente, ela nem tinha percebido que ele era um *werewolf*.

E, além disso, suas perguntas indicavam que ela aceitava tudo que ele estava dizendo como verdade?

Parecia que sim. Tão improvável quanto sua história poderia soar, Ty nunca mentiu para ela, nem era do tipo ilusionista. E então existia o incidente do lobo... as coisas que ele sabia que ele não podia saber se ele não tivesse estado lá, não tivesse o afiado ouvido de um lobo. Isto era tudo real. Muito real.

Sua mão agarrou a dela mais firmemente, como se fosse uma reação involuntária às suas palavras.

— Um companheiro, um acasalamento. — Ele disse, cada palavra espaçada com uma dura ênfase.

— Isso significa que ontem à noite você era um virgem! — Ela voltou-se praticamente gritando.

Ele estremeceu ao volume de sua voz.

— Sim.

— Impossível.

Sua carranca mudou para uma expressão de satisfação consigo mesmo, sorrindo zombando.

— Obrigado. Eu odiaria pensar que eu não estava à altura de seu ex-noivo e outros amantes.

— Não existiram outros amantes além dele, mas...— Sua voz diminuiu porque ela não sabia o que mais ela queria dizer.

— Eu estou achando tudo isto realmente duro de engolir.

Ela não admitiria que a parte que ela achava mais difícil de digerir era o afeto dele por Olivia. Ela podia viver com ele sendo um *werewolf*, ela pensou mas ela não podia viver com isto.

— Considerando o quanto duro nós trabalhamos para esconder nossa existência dos humanos, isso não é nenhuma surpresa. Você está tendo que substituir toda vida de mito com uma realidade muito diferente sobre nossa espécie. — A raiva parecia ter sido drenada dele, deixando-o pensativo.

— O que mais me surpreende é o fato de que você parece acreditar em mim. Eu pensei que você teria que ver minha mudança para aceitar o que eu sou.

Ela não estava considerando o incidente de quando tinha quinze anos. O conhecimento dele sobre ela se dando prazer enquanto sonhava acordada com ele era muito embaraçoso. Ela conformou-se declarando.

— Você nunca mentiu para mim.

— Não, nunca.

Pensando sobre algumas coisas que ele dissera para ela no dia anterior fez com que seu coração se apertasse em dor. Ele disse, ou pelo menos subentendeu-se, que ele não a amava como a uma mulher que ele gostaria de casar. Ele também disse que qualquer intimidade física entre eles não seria nada além de sexo.

Ela não queria enfrentar aquelas revelações nesse instante, mas a dor recusou-se a ir embora até ela estar preparada para lidar com ela. Pulsava dentro dela em um fixo e doloroso ritmo.

Ela tirou sua mão das dele e a colocou na extremidade de seu lado da cama.

Os olhos dele se estreitaram com seu movimento.

— Se eu me casar com você, você estará preso a mim como meu companheiro para o resto de nossas vidas?

— Eu disse a você, eu já estou preso. Do segundo em que eu coloquei meu membro dentro de você, nós estávamos acasalados.

— Isso não pode ser. — Entretanto se sexo se equiparava a acasalamento e acasalamento se equiparava com algum tipo permanente de cerimônia de casamento *werewolf*, então ele realmente estava preso a ela.

Não importando o que cada um deles sentia sobre isso.

— Então, ainda que eu vá embora...

— Eu não posso tomar outra companheira.

— Isto não é justo.

— Justiça não está na equação.

Não, não estava. Ela não poderia nem se condenar a um casamento com um homem que não a amava, nem condenar o homem que amava a uma vida de celibato. Depois da noite passada e desta manhã, ela não achava que ele a agradeceria por isto.

— Você devia ter me advertido das consequências. Eu tinha o direito de saber.

— Você não me deu chance. Eu te disse para partir. Você não foi — Sua voz era áspera, como se ele estivesse bravo novamente, e a expressão em seus olhos azuis se tornou acusadora.

Mas lembrando de como ele respondeu na sua presença a impediu de aceitar toda a culpa por sua atual situação desagradável.

— Você não me quis. Realmente, não.

— Como o inferno.

A descrença a inundou. Ela nunca conhecera esse Ty que se esquivava da responsabilidade de suas próprias ações como esta. Certo, então talvez ele não gostasse dos resultados, mas isso não significava que ele precisava culpá-la por eles.

— Você não tentou livrar-se de mim de maneira muito forte. — Ela lembrou-lhe.

— Eu não podia. — Ele trincou os dentes, parecendo realmente repugnado com ele mesmo.

— Eu não caio nessa. Você é uma das pessoas mais auto-disciplinadas que eu conheço.

— Todo homem tem seus limites. Eu alcancei o meu.

— Certo. Eu sou irresistível.

— Ontem à noite você era... para mim.

Sua negação obstinada de qualquer culpabilidade sobre o tempo que passaram juntos adicionava mais dor ao caldeirão já fervendo dentro dela. Isto não era nada como ela tinha imaginado de como a manhã seria conduzida.

— Como você pode ser assim depois do que nós compartilhamos?

— Você quer dizer o sexo? Eu suponho que eu deva me confortar com o fato que minha companheira é um verdadeiro fogo de artifício na cama. Nem todos os humanos podem acompanhar um *werewolf*, mas você aguentou firme ontem à noite. Eu fico surpreso que seu ex-noivo a tenha deixado tão fácil. A maioria dos homens matariam por uma resposta como a sua.

Ela olhou fixamente para ele. As palavras eram quase insultantes, mas ele soava ciumento, não zombeteiro. Só que *ele* não tinha nada para ter ciúmes dela. Ela não era a pessoa que tinha feito amor com ele no dia anterior ao planejar casar-se com outra pessoa.

Ela torceu seus lábios com escárnio por sua estupidez.

— Se eu tivesse sido capaz de dar isto para meu ex, nós estaríamos casados agora mesmo e ontem à noite nunca teria acontecido.

Mas ela não amava o outro homem. Ela amava Ty, ainda que ele fosse muito estúpido para ver isto.

— Bem, você está comigo agora. — Ele disse entre dentes.

— Eu suponho que eu deveria sentir-me honrado não ter havido quaisquer outros homens desde seu ex-noivo. Você obviamente gosta de sexo.

Isso era definitivamente um insulto e era um além da conta.

Ela o esmurrou no tórax. Duro. Mas era como bater numa pedra.

Sua mão doeu e ela a esfregou.

— Seu *idiota*.

— Talvez... provavelmente... — ele admitiu com uma sacudida brava de sua cabeça.

— Mas eu sou *seu* idiota.

— Oh, não. Olivia pode ter você. Com minha bênção. — Não era uma coisa racional para se dizer, não depois dele dizer sobre a perpetuidade do acasalamento, mas ela estava tão brava, que ela quase o dizia a sério.

Ela realmente se importava se este idiota condescendente gastaria o resto de sua vida sem sexo? Ela faria o mesmo com o resto da sua. Se ela fosse embora... Mas seria inverno no inferno antes dela admitir isso para ele.

— Oh, *sim*. — Ele rosnou. — Você sabia que eu a queria, mas você me seduziu de qualquer maneira. Agora, você me tem, Frankie. Por toda vida.

— Você não quis Olivia! — Ela gritou em frustração, totalmente pouco disposta a engolir aquela mentira sobre sua atitude sórdida.

Talvez ele não quisesse acasalar com Frankie, mas ele não desejava Olivia também. Não de verdade. Sua cabeça poderia dizer que a *femwolf* seria uma companheira melhor, mas seu corpo não tinha estado comprometido. Ela se recusou acreditar sobre tudo que ela tinha sido uma substituta para outra mulher.

Seu coração não podia aceitar isto e ela iria fazê-lo admitir.

— Você dois brigam como irmão e irmã.

— Não é todo mundo que corteja com rosas e poesia.

— Até o cara menos romântico do mundo trata uma mulher que ele quer com mais calor do que com o qual você tratou ela ontem.

— Você nos viu uma vez juntos. Você dificilmente está em posição de julgar. Você não tem nenhuma ideia do que nós éramos quando estávamos a sós.

Ela enroscou seus braços ao redor de si mesma, tentando controlar a nuvem de cogumelo de dor implodindo dentro dela.

— Eu não posso discutir com isto, mas você ainda foi para a cama comigo ontem à noite. Não com ela.

Tinha que haver algum significado naquele fato.

— Eu não teria, se você tivesse ficado no sofá.

As palavras a golpearam com uma finalidade que não deixou nenhum espaço para sonhos rosados e fantasias esperançosas, dizimando suas defesas com o poder de uma explosão nuclear. Uma vez, quatorze anos atrás, ela se sentiu deste modo. Como se alguém tivesse entrado dentro de seu peito e rasgado seu coração fora.

O dia em que ela fora informada da morte de seus pais.

Ela se sentiu vazia, desolada, e cada parte de seu ser assustada como ela se sentia nesse momento.

— Eu era só uma substituta.... ela não estava aqui e eu estava. — Ela sussurrou em aceitação agonizada.

Capítulo Seis

Ela rolou para sair da cama ficando de pé, arrastando a colcha com ela e a embrulhando ao redor de seu trêmulo e desnudo corpo.

Ela bateu em suas mãos quando ele tentou agarrá-la.

— Não toque em mim.

— Frankie, volte aqui.

— Não.

— Nós não terminamos de falar.

— Sim, nós terminamos.

Ele saiu da cama, sem se preocupar com sua própria nudez ficando em frente a ela, observando-a de cima.

— Você é minha companheira, não Olivia. Não importa como aconteceu. É agora um fato.

— Então, você está conformado com isto? E eu suponho que você espera que eu também me conforme em casar com um homem que está fixado à outra mulher? *Você acha que eu deveria estar bem com você usando meu corpo enquanto você pensa nela?*

— Não foi assim!

Seus olhos queimavam com lágrimas e ela seria maldita se as derramasse na frente dele.

— Você acabou de dizer que foi.

— Eu não disse. Eu nunca faria isso com você. — Ele esfregou seu rosto, a frustração revestindo sua feição bem definida.

— Olhe, você está certa. A química não estava lá entre eu e Olivia. Ela não me queria mais do que eu a queria. Eu percebi isto ontem. Eu não devia ter implicado que existia mais em nossa relação do que o que você viu. Eu estava sendo uma besta e eu sinto muito.

Ele soou mais furioso que apologético e sua explicação deveria fazer Frankie se sentir melhor?

Não aconteceu. Apenas deu-lhe outra possível razão para ele estar fazendo amor com ela, que era extremamente doloroso. A rejeição da outra mulher fez com que ele aceitasse as investidas sensuais de Frankie? Ele fez amor com ela com o fim de suavizar seu orgulho machucado ao perceber que Olivia não o queria?

Sua mente estava girando com um cenário após o outro, todos eles terríveis.

— Como foi ontem à noite? — Ela perguntou em uma oferta desesperada para entender como algo tão bonito podia ter terminado nesta sensação tão feia de desolação.

— Era o nosso acasalamento.

Mas o que queria dizer para ele além do que a lei do bando declarava que era?

— Por que fez você fez amor comigo daquele jeito... — Como se ele nunca conseguisse o bastante, como se ela fosse ambrosia¹¹ para sua alma. — Tantas vezes... se você não me queria?

— Eu não pude evitar. — Ele disse de um modo tão claro que ela não pode discutir.

Verdade ou não, ele acreditava que ela o seduzira, acreditava que ela era a culpada por eles terem feito sexo.

E ela não era? Uma voz dentro de sua cabeça sussurrava. Ela não escolheu fazer amor, não importando o que o futuro traria? Ela sabia que ele não queria um futuro com ela e ela o quis de qualquer maneira.

— Eu não sei o que fazer. — Tudo que ela sabia era que estava machucada. Em todos lugares. Dentro e fora. Ela podia apenas caminhar, seus músculos da coxa estavam tão doloridos.

— Eu preciso de algum tempo para mim. Para pensar.

— Volte para a cama e pense comigo.

Ele falava a sério?

Ela olhou para parte de baixo de seu corpo e quase sufocou em sua afronta.

— Você está excitado.

— Isso a surpreende depois de ontem à noite e hoje?

—Você acabou de me dizer que eu sou a última mulher no mundo que você teria escolhido como companheira e você espera que eu dê boas-vindas a você em meu corpo? — Ela perguntou perplexa e brava.

Ele era louco?

— Eu não disse que você era a última mulher no mundo que eu queria. E você pode culpar isto, — ele indicou sua dureza, — no fato de que é nosso primeiro acasalamento e a lua cheia está próxima. Meus instintos animais estão na nossa frente nesse momento.

— Tem lua cheia todos os meses e se o que você me disse é verdade, você nunca sucumbiu a isso deste modo antes.

¹¹ Mitologia: alimento dos deuses. Figurativo: alimento delicioso, (no Brasil) doce de ovo e leite.

— Não, eu não sucumbi. — Ele pareceu esperar que aquilo significasse algo para ela e a agarrou.

Ela se voltou em direção ao banheiro.

— Esqueça.

Ele fez uma carranca.

— Maldição, Frankie.

Ela o olhou.

— Você pode parar de me injuriar *homem lobo*?! Eu posso me machucar e você pode pelo menos tomar todo o crédito por isto, já você quer que eu tome toda a culpa por que nós fizemos sexo. Eu preciso de um banho muito longo e muito quente. Suponho que você não ligou o aquecedor de água?

— De manhã cedo. A água deve estar quente agora. — Ele teve a graça de parecer consternado. — Você está dolorida?

Ela girou em direção ao banheiro.

— Sim.

— Eu sinto muito.

— Não estamos ambos sentidos? — A dor em seu coração era muito pior que a dor entre suas pernas.

— Eu podia juntar-me a você.

O homem era todo *Neandertal*, e cérebro-morto no departamento sentimental também.

— Eu quero você em meu banho como eu quero um tratamento de canal nesse instante.

— Você está certa sobre isto? — Oh, homem, até se sentindo do modo em que ela se sentia, aquela voz era um convite para decadência.

Não obstante, ela girou para enfrentá-lo novamente, quase caindo em traseiro quando ela percebeu o quão próximo ele estava sem fazer nenhum som.

— Positivo. Enquanto eu tenho certeza que sua preciosa *femwolf*, Olivia teria resistido uma noite como a de ontem sem o menor desconforto, eu sou só uma humilde humana e meu corpo inteiro dói.

Ele segurou seus ombros e esfregou os músculos do seu pescoço com os polegares.

— Eu podia dar-lhe uma massagem.

Ela encolheu os ombros, pouco disposta a aceitar qualquer coisa dele por agora, até mesmo conforto.

— Você pode manter suas mãos para você mesmo. Se você quisesse brincar de fazer carinho depois do sexo, você não deveria ter sido tão rápido ao assinalar que eu sou tudo o que você não quer em uma companheira. Acredite nisto ou não, aquele tipo de conversa tem um efeito muito bom amortecendo a natureza afetuosa de uma mulher. Eu estou dolorida e estou brava e eu vou tomar meu banho *sozinha*.

Ele deu um passo para trás, sua expressão ficando em branco.

— Está bem.

Mas não estava bem e ela não estava certa de como algum dia pudesse estar. Ela alcançou o refúgio do banheiro, então bateu e bloqueou a porta.

Como ela podia ter acreditado que por uma noite de êxtase valeria a pena sentir essa dor no dia seguinte? Entretanto ela não esperou que as coisas fossem mudar desse jeito... para eles estarem presos uma ao outro por toda uma vida que ele não queria e a culpava por isso.

Não, ela nunca teria esperado aquele resultado nem nas suas ideias mais selvagens.

Ty caminhava de um lado a outro no quarto exterior, sua besta lutando com seu homem. Maldição. Ele a machucou. Ele não queria fazer isso. Ele nunca deveria ter feito amor com uma humana tão perto de sua mudança.

Seu corpo incontrolável ainda a queria, e ele esteve usando de todo seu autocontrole para ficar fora do banheiro onde a água visivelmente não estava correndo. Ela estava lá dentro chorando? Ele não podia ouvir qualquer lamento, mas Frankie sempre chorou calada.

Ele queria confortá-la, mas ela não o queria próximo a ela. Ela dissera isso claramente. E ele não podia culpá-la. Ele não deu a ela nenhuma das palavras ternas e suaves que uma mulher esperava depois do tipo de amor que eles tinham partilhado.

Mas ele despertou aquela manhã duro, doendo por ela e furioso em como facilmente ela evitava sua vontade.

Sua falta de controle na noite anterior dilacerou seu orgulho muito mais do que perceber que Olivia preferiria correr sozinha do que com o bando só para evitar se acasalar com ele. Ela tinha percebido suas intenções e agido para negá-las. Ou ela simplesmente queria evitar qualquer acasalamento que seria malditamente duro com tantos lobos no bando ainda solteiros e ela estando quente¹². Ela sabia tanto quanto ele que os instintos dela a fariam procurar um companheiro.

O fato de que ele planejava ser aquele companheiro, mesmo que isso implicasse que teria que lutar com outros lobos por ela era agora um ponto discutível. E agora mesmo, as ações e motivações de Olivia eram a última coisa que ele precisava se preocupar.

Ele tinha sido incapaz de conter seu desejo por Frankie e passaria o resto de sua vida unido a uma humana — a única coisa que ele estivera determinado a não fazer. O lobo nele não encarou a derrota muito bem. Ele reagiu como qualquer predador animal quando desafiado, ele atacou.

A dor entre suas pernas não era a única que ele tinha dado a ela, e sua besta estava realmente contente de ter extraído sangue sentimental. Precisava de recompensa pela sua derrota, mas o

¹² No cio, ou ovulando.

homem dentro dele se sentia como o idiota que ela o tinha chamado. Ele machucou uma das pessoas mais preciosas em sua vida e ele odiava saber disto.

Ele estava furioso consigo mesmo e com a besta nele que incitou demandas sexuais que deixou o corpo de Frankie dolorido, e dito palavras que a machucaram.

Ele era um canalha.

Mas ele não estava completamente certo de que ele realmente era o idiota que ela dizia.

Ela disse que ela era dele na noite passada, mas ela não tinha agido como sendo dele esta manhã. E ontem ela disse a ele que ela não queria mais ser sua amiga. Ela estava preparada para tirá-lo de sua vida. *Como uma humana*. Ele não pôde deixar de notar que ela não tinha dito que casaria com ele também.

Ela podia ir embora, mas ele não podia.

Isso o fez parecer impotente, o que o enfureceu. Um furioso *werewolf* à beira da mudança não era o melhor companheiro para uma mulher bondosa que estava lavando a dor de um acasalamento com excesso de zelo.

De acordo com seu pai, era sempre assim a primeira vez. Ty nunca tinha conhecido qualquer coisa próxima ao prazer de estar dentro de sua companheira, e se ele não saísse dali e o odor dela que penetrava na cabana, ele iria buscar aquele prazer novamente.

Havia menos de uma hora até a lua estar cheia. Ele tinha que ir, por ela como também por ele mesmo. Ela estaria bem até que ele mandasse o resgate. Havia bastante madeira e comida na despensa.

Quando ele se moveu em direção à porta do banheiro, a água começou a correr finalmente. Ele esperou até que desligasse novamente e então bateu na porta.

— O que? — Ela soou carrancuda.

Uma vez mais ele desejou poder consertar as coisas e fazer com que ela ficasse de acordo com tudo. Ele odiava estar em conflito com sua melhor amiga, mas era mais provável que ele tornasse tudo pior se ele tentasse conversar com ela novamente em seu atual estado. Seu lobo não estava pronto para dobrar o rabo e se submeter à um destino que ele não tinha escolhido com a graça que ela precisava.

Melhor sair e ir para longe dela até que ele estivesse.

— Eu estou partindo. Eu enviarei ajuda assim que puder, mas ela provavelmente só virá depois da lua baixar antes de eu poder conversar com alguém. Não fique preocupada. Só aguenta firme, certo?

O banho espirrou como se metade da água estivesse caindo sobre o chão do banheiro minúsculo e então a porta foi abruptamente aberta.

— O que é?

Ele se esquivou da visão de seu corpo desnudo e da acusação justificada em seus olhos cinzas.

— Eu estou partindo.

— Você não pode. Está abaixo de zero lá fora.

— Eu estarei bem.

— Você não é um super-homem.

— Eu sou um *werewolf*.

— Mas você não é um lobo nesse momento.

— Eu serei logo, logo. Você não tem que se preocupar comigo. — Chocou-o o fato de que depois de tudo que acontecera, tudo o que ele disse, ela continuava com medo por ele.

Ele quis beijá-la, mas ele não confiava em si mesmo, de que manteria só um simples beijo. Mesmo que essa falta de controle sobre sua libido era esperada logo depois do acasalamento, e era uma coisa que muitos *werewolves* o tinham advertido, agora mesmo ele achava isto um verdadeiro pé no saco.

Ele virou-se para ir.

— Ty!

Ele a ignorou e saiu da cabana, contente que sua nudez a impediria de segui-lo.

Ela era esperta o suficiente para ficar do lado de dentro.

Ele esperava.

Por via das dúvidas, ele rondou a cabana, observando por uma boa meia hora, mas a porta da frente não se abriu e ele imaginou que ela seguiria seu plano de um longo e quente banho.

Frankie observou Ty sair da cabana com um sentimento de incredulidade que a paralisou.

Quando a porta se fechou ela aceitou que ele realmente simplesmente iria deixá-la lá, sozinha para esperar pelo resgate. A dor dentro dela explodiu em uma explosão de raiva tão intensa, que ela tremeu. Ele sempre fora um filho da mãe teimoso e arrogante, então era óbvio que ele sabia o que era melhor para ela.

— Ty McCanlup, você vai se ver com isso. — Ela prometeu na cabana vazia em uma voz mortal que ele teria estremecido se tivesse ouvido.

Porque ele teria reconhecido exatamente o que aquela voz significava... o quanto brava ela realmente estava. E por que ele saberia disto? Porque ele era seu melhor amigo, maldição! E ela era dele, ainda que ele não julgasse conveniente dizer a ela que ele era um *werewolf*.

Ela ainda não tinha engolido totalmente aquele fato, mas ninguém a não ser um louco teria saído da cabana nesse tempo a não ser que fosse, bem, um *werewolf*.

Por alguma razão aquele conhecimento cortava tanto sua raiva quanto sua dor. Ty era um *werewolf*, e isso significava que suas respostas, suas motivações, seus sentimentos seriam diferentes daqueles de um simples humano. Não é?

Ela começou a pensar como uma mulher inteligente o suficiente para conseguir um grau em medicina veterinária. Olhando de volta para o último dia e meio, ela lembrou mais do que só suas rejeições. Que tal os beijos que ele deu nela de sua própria vontade, na véspera? O beijo em sua casa não tinha sido por causa da rejeição de Olivia, porque ele não tinha sido rejeitado ainda.

Ele tinha agido de modo possessivo.

O que isso queria dizer? Os lobos eram possessivos com seus companheiros, mas eles não tinham acasalado ainda. O que significava que? Que ele tinha aqueles tipos de emoções exigentes já? Afinal, ele era mais que um lobo, ele era um homem também.

Capaz de sentir coisas que um lobo puro só saberia em um nível instintivo.

Ty disse que ele queria casar com Olivia, mas ele realmente não a *queria* ... não como um homem deveria querer a mulher com a qual planejava passar o resto de sua vida. Ele queria Frankie daquele modo. De forma alguma o orgulho ferido seria forte o suficiente para motivá-lo a fazer amor do jeito que eles tinham feito. Mesmo relativamente inexperiente ela sabia disto.

E fazer amor daquele jeito não era meramente sexo animal. Ela sentiu demais, e ele também. Ela estava bastante certa de que sua humanidade tinha estado completamente comprometida ainda que ele quisesse culpar seus instintos de lobo. Ele a queria com um tipo de paixão que um homem *apaixonado* exibiria. Certamente nem um amigo platônico, nem um grande irmão ou nem mesmo um amante casual.

Ele a marcou, por dentro e por fora.

Ele não podia ter ido tão fundo em sua alma sem a deixar chegar na dele pelo menos um pouco desse modo também.

Ele poderia pensar que o fora. Ele poderia ter se convencido de que o que eles compartilharam não tinha sido nada além de sexo, mas o modo que ele a abraçou perto de seu corpo quando eles estavam dormindo não tinha sido nada casual. Tinha sido ternura, e uma intimidade que não tinha nada a ver com substituir A por B.

Então, por que ele estava tão determinado em negar a profundidade dos sentimentos de um pelo outro? Por que ele duvidava do amor que ela sentia por ele?

Ela lembrou de seu argumento, ou conversação, o que quer que tenha sido. Ele ficava realmente pirado toda vez que o assunto de seu ex-noivo surgia. Pensando sobre isto, ele tinha sido o que trouxera o outro homem para a conversação, junto com seus outros supostos amantes.

Por que ele saiu pela tangente? Ela tinha certeza nunca ter dado qualquer razão para ele acreditar que ela tivesse tido outros amantes. Se ela não o conhecesse bem, ela diria que ele estava com ciúmes. E por que não? Ele era virgem, um acasalamento, um companheiro. Provavelmente o irritava muito que ela tivesse compartilhado seu corpo com outra pessoa antes dele.

Bem, ele teria que superar aquilo se ele esperava que ela fosse adiante com esse acasalamento-casamento.

Ela tinha dificuldade em acreditar que aquela era a única coisa que o deixava tão nervoso sobre o que havia acontecido entre eles.

Realmente havia alguma coisa sobre estar acasalado com um humano, mas não poderia ser porque era um verdadeiro tabu, ou a bisavó da sua tia ou quem quer que ela fosse, não teria acasalado com um humano.

Uma coisa era certa... Ty tinha muito que explicar quando ela o visse novamente. E ela não iria deixar que seu medo por ele não amá-la nublassem sua razão e sua capacidade de processar os fatos novamente.

Ela entrou numa velha banheira com pés de garras, com água fumegante e suspirou com prazer quando afundou-se até o queixo.

Ty era teimoso, mas ela podia ser teimosa também, e ela sabia qual era sua debilidade: Ela. Apesar de sua capitulação de Macho Idiota do Ano por agora, ele odiava machucá-la ou vê-la machucada de qualquer forma. Isto, combinado com o modo em que ele fez amor com ela, falava de sentimentos muito mais profundos que amizade.

Ela imergiu no banho, reenchendo a água quente duas vezes, até que as pontas de seus dedos ficaram enrugadas e as dores prolongadas em seu corpo tivessem ido embora. Ela saiu e se secou, ainda um pouco sensível por dentro, mas ela não podia fazer qualquer coisa sobre isto. Ela não estava certa do que ela queria.

Apesar de estar tão frustrada quanto ela estava com Ty, ela, entretanto, experimentou uma primitiva satisfação em ter seu corpo tão insatisfeito impactado pelo dele. Era como a essência que a acordara aquela manhã. Sua fragrância em seu corpo. Ela não se lembrava daquele tipo de manhã com seu ex-noivo.

Talvez fosse porque Ty era um *werewolf*. Ou talvez fosse só porque ela o amava e estava mais afinada com ele que ela jamais estivera com qualquer outro.

Então um pensamento a atingiu e suas mãos pararam em sua tarefa de secar-se. Ela permaneceu em atordoada descrença por vários segundos como algo que a devia ter preocupado como um grande problema, a noite anterior finalmente estava sendo registrada..

A razão da essência de Ty estar tão forte nela essa manhã era porque eles não haviam usado camisinha quando fizeram amor. E desde que sua última relação sexual, sua única relação sexual - não importava o que seu ciumento amante bobo pensou - havia terminado dois anos atrás, e ela não estava tomando pílula.

Fazendo alguns cálculos mentais rápidos, ela percebeu que ela estava no período perfeito para ficar grávida.

Ela se sentou no lado da tina quando suas pernas falharam. Isso era tudo que ela precisava, estar grávida sobretudo com o que havia acontecido. Não que a ideia de ter um bebê do Ty fosse de todo repulsiva, mas nesse momento ela não podia decidir se ela o amava ou se ela queria matá-lo.

Esse não era o tipo de dicotomia que uma mulher deveria ter em relação ao pai de sua criança.

Ela gastou o resto da tarde e da noite pendendo entre a esperança e o terror ante a perspectiva de estar grávida. Ela não podia acreditar que Ty a deixara sozinha, entretanto, se ele estivesse perto da mudança, talvez ele não quisesse que ela o visse.

Talvez fosse realmente bruto.

O pensamento era menos que confortante.

Ela achou um baralho de cartas em uma gaveta na cozinha e jogou vários jogos de paciência antes de ir para a cama cedo. O resgate não viria hoje à noite e ela ainda estava muito exausta de sua longa sessão de amor com Ty.

O lobo marrom permaneceu fora da cabana, cheirando o ar. Ele podia cheirá-la. Tão próxima. Ele queria vê-la. Nenhuma luz estava ligada, no entanto ele não esperava que estivesse. A posição da lua indicava que passava muito da meia-noite.

Ele correu com o bando, apreciando sua companhia, mas ele não podia ficar longe dela. Ela era sua companheira. Era seu trabalho ter certeza que ela estava segura. Protegida.

Ele se dirigiu em direção à janela do quarto, sua cautela muda tanto uma parte de sua natureza de lobo como seu instinto humano para a caça. Uma vez que ele a alcançou, ele ergueu suas patas dianteiras sobre o peitoril assim ele poderia olhar do lado de dentro.

Sua visão de lobo podia permitir-lhe desenhá-la claramente debaixo das colchas. Ela estava enrolada em torno do travesseiro que ele usou a noite anterior, seu cabelo sedoso marrom estendido através de seu próprio travesseiro.

Ele queria estar lá com ela.

Precisava disto.

Ele tinha que tocar em sua companheira. Era a primeira vez que ele queria estar *dentro* de um prédio durante a lua cheia, mas o desejo era irresistível. Ele arranhou a janela com suas garras.

Frankie despertou se sentindo desorientada. Onde ela estava? Não existia nenhum galho fora de sua janela do quarto, mas algo a estava arranhando. Então ela lembrou. Ela não estava em casa, em seu pequeno apartamento em Billings. Ela estava presa em uma cabana no meio do nada em nenhuma parte... uma cabana que também não tinha árvores perto.

Ela olhou em direção à janela e gritou.

Monstruoso, cintilando os olhos e brilhantes dentes brancos e afiados em uma cabeça cabeluda grande que era iluminada pelo luar refletindo lá fora na neve. A cabeça desapareceu no mesmo momento em que ela registrou o que o monstro era.

Um lobo.

Seu coração batia muito rápido e ela tentou respirar, mas seus pulmões não estavam cooperando.

Era Ty? Podia ser outro *werewolf*. De acordo com ele, existia um bando inteiro na área. O quão grande seria o bando? Era do tipo de bando de lobos que podia variar em tamanho de dois até trinta, ou *werewolves* tinham bandos ainda maiores?

Podia ser um lobo normal também.

Oh, homem... a porta estava trancada? Ela achava que sim, mas não lembrava. Ela não pensou em qualquer razão para fechá-la. Afinal, quem viria? Ela não podia imaginar um saqueador estuprador caminhando para a cabana em raquetes de neve.

Havia um som de arranhar na porta da frente e então o som inconfundível dela se abrindo.

Ela tremeu, insegura do que fazer. Se ela levantasse e tentasse fechar a porta do quarto, o lobo a alcançaria antes que ela chegasse a ela. Ela podia correr para o banheiro, mas novamente, não pensou que o alcançasse a tempo. Mas ela não podia só ficar lá como uma tola, esperando ser comida.

Os lobos ficavam com fome no inverno.

A porta fechou e seu coração saltou em sua garganta, mas então a razão se afirmou propriamente. Um lobo selvagem realmente tomaria seu tempo para fechar a porta? No que diz respeito a esse assunto, ele já não estaria aqui, rasgando sua garganta?

Eca. Imagem repugnante. Lembrança para ela: Não pense muito como uma veterinária no futuro.

O lobo veio para a entrada e ficou só olhando para ela. Era uma cor escura, ela pensou marrom, mas embora o luar fosse brilhante, era mais escuro que o sol, ou uma lanterna.

Ela tragou.

— T-Ty?

O lobo latiu uma vez, mas não se moveu.

— Eu estou segura com você?

Ele andou no quarto. Oh, nossa... ele era grande. Enorme. Maior que qualquer lobo que ela já vira.

Ele se moveu majestosamente, mas lentamente, como se ele tivesse medo de assustá-la. Sua cabeça canina se movimentou para cima e para abaixo e ela percebeu que ele estava respondendo sua pergunta.

Ela estava segura.

Ela soltou a respiração que estava segurando.

— Eu posso acender a luminária?

Ele latiu uma vez. Ela tomou aquele como um sim e cuidadosamente saiu da cama. Ele não se moveu, mas seus olhos a seguiam. Uma vez que a luminária estava acesa, ela a colocou na cômoda alta, iluminando uma bela porção do quarto.

Ele era marrom, seu pelo macio e lustroso, mas seus olhos eram os gentis azuis do Ty. Bonito.

Era seu lobo... o lobo daquele dia do verão quente quando tinha quinze anos e em seus olhos ela viu o homem que ela amou desde então.

Capítulo Sete

Ela lambeu os lábios.

— Você é magnífico.

Ele andou silenciosamente para ela até que sua cabeça atingiu o torso dela. Mesmo depois de suas garantias, permanecer tão perto de uma besta tão grande era apavorante. Ela não teve medo quando era uma adolescente, entretanto ela era mais jovem... não tinha estudado lobos e seus hábitos muito a fundo.

Agora ela sabia o que um lobo deste tamanho era capaz de fazer sozinho.

Ele se aninhou contra seu tórax e ganiu.

Oh, uau.

Numa tentativa de alcançá-lo ela caminhou devagar e o acariciou levemente, e então enterrou sua mão no pelo do pescoço dele. Ele girou sua cabeça e lambeu seu pulso. Lágrimas inundaram seus olhos. Ela não sabia o porquê, apenas que se excitava insuportavelmente pela presença de seu lobo em casa... de seu desejo de estar com ela.

Ela se debruçou e beijou seu focinho. Ele lambeu seu rosto, sua língua morna e gentil.

Ela sorriu.

— Eu queria que você pudesse falar neste momento.

— *Eu também.*

A voz estava em sua cabeça, mas era a voz de Ty. Não tinha dúvida sobre isto.

— Ty?

Ele olhou para ela, com uma interrogação no olhar.

— Eu sei que isto vai soar loucura, mas você acabou de falar em minha cabeça?

— *Você me ouviu?*

— Sim. — As lágrimas se derramando.

— Isto é tão estranho, mas especial também. Todos os companheiros podem ouvir um ao outro?

— *Não.*

— Por que eu posso ouvir você?

— *Porque você significa muito para mim.*

Ela riu.

— *Está quente aqui.*

— Se você vestir um casaco de pele aqui dentro, o que você poderia esperar?

Um ruído pesado soou em sua garganta, quase como uma risada

— Você quer que eu abra uma janela? — Seus instintos de lobo provavelmente gostariam da sensação de fuga fácil que lhe daria assim como a queda da temperatura no quarto também traria.

Ele latiu uma vez.

Ela foi até a janela e fez o que dissera, abrindo-a amplamente e deixando o ar gelado que fez seus pulmões se apertarem entrar.

Ela correu em direção a porta e a fechou assim como a do banheiro, para que a temperatura não caísse significativamente em toda a cabana. Seu corpo inteiro estava tremendo quando ela alcançou a cama. Ela mergulhou debaixo das colchas e estremeceu, apesar de seu calor adicional.

— *Você está fria.*

— Um pouco.

— *Eu posso manter você quente.*

Ele esperou, como se precisasse de sua permissão para chegar perto.

— Ok. — Ela disse suavemente.

Ele saltou sobre a cama, seu movimento poderoso, mas gracioso. Deitou-se ao lado dela.

— *Enrole-se em mim.*

Ela fez, suspirando de prazer quando o calor emanado do corpo dele a atingiu imediatamente.

— Isto é bom.

Ele lambeu o lado de seu rosto.

— *Sim, é.*

O som de latidos do lado de fora da cabana a surpreendeu e uma vez mais, seu corpo entrou no estado fugir ou lutar.

— *Não tenha medo, minha companheira. São só meus pais e Duque.*

— Eles sabem sobre nós?

— *Eu disse a Duque. Ele deve ter dito a Papai e ele teria dito a Mamãe, sem nenhuma dúvida.*

— Eles estão bravos?

— *Eu não sei. Eu não posso conversar com meus pais em forma de lobo.*

— Mas Duque pode?

— *Só com Papai.*

— Isto é tudo muito confuso.

— *Eu explicarei tudo para você.*

A cabeça do lobo de prata grande apareceu na janela, suas patas dianteiras no peitoril.

Ela se moveu para mais próximo de Ty, o medo tinha um gosto metálico em sua boca.

— *Duke me disse para te dizer que relaxe. Ele já caçou e ele não tem mais fome.*

— Muito obrigado. Isto não é nada engraçado.

O lobo na janela rosnou para ela e ela voltou seu rosto para o pelo de Ty.

— *Ele está só mal-humorado. O grunhido não significou nada.*

Ela ergueu sua cabeça e observou seu futuro cunhado.

— Pare de tentar me assustar, ou eu vou atirar em você com uma arma de fogo de tranquilizante na próxima lua cheia e te infecto com vermes.

Aquele estranho som rouco vibrou em sua garganta novamente e Duque latiu em óbvia censura antes de desaparecer da janela.

— Ele é tão rabugento.

— *Ele tem por que.*

— O que Marigold fez?

— *Eu te direi mais tarde. Primeiro, como você está se sentindo?*

— Bem e confortável com você ao meu lado.

— *Eu quis dizer depois de nosso ato de amor. Você estava dolorida.*

Ela enrubesceu pela lembrança e escondeu seu rosto no pelo dele. Ela gostou de sentir seu pelo suave contra a pele dela e se aninhou nele.

— Eu estou melhor.

Um quase ronronar retumbou em seu tórax.

— *Bom. A lua vai baixar em menos de quatro horas.*

— Isto é quando você retorna a sua forma humana?

— *Sim.*

— E você quer fazer amor? — Ela não estava certa de como se sentia sobre isto, mas ela não estava tão contrária à ideia como quando ela estivera logo depois da conversa deles.

— *Muito. Eu perdi a matança em nossa caça porque eu continuava pensando sobre isso... sobre você. Eu queria... precisava estar com você.*

Ele falou sobre a matança como se fosse tão natural e para ele era, ela supôs. Mas era aquilo tão diferente dos homens que ela conhecera que cresceram e iam a caça toda estação e não ficavam felizes a menos que voltassem para casa com um cervo ou um alce pelos seus esforços?

Seu próprio tio ia acampar com seus amigos todo ano e trazia para casa mais de um troféu. Mas para os lobos, caçar também era um modo de estabelecer entre seus pares o papel de lobo. Era mais que esporte, era necessidade, e Ty perdeu a parte mais importante, por ela.

— Engraçado, isso não soa como se fosse apenas sexo para você. A menos que você não seja mais controlado que um adolescente na puberdade.

Ele rosnou, o som retumbou pelo corpo de seu lobo enorme e ela sorriu, mas ele não podia ver porque ela ainda estava com seu rosto aninhado nele.

Ela bocejou, a adrenalina se esvaindo de seu corpo, deixando-a exausta. Agora que Ty voltara, ela se sentia segura e seu sono até essa hora havia sido intermitente.

— *Durma. Eu ficarei com você.*

— Você estará aqui quando eu acordar?

— *Sim. Duque está cuidando da caminhonete e eles virão nos buscar mais tarde hoje.*

— Você me acordará para vê-lo mudar?

— *Você quer ver?*

— Claro. — Ela se debruçou para poder olhar em seus olhos animais-humanos.

— Você realmente não acha que eu iria querer perder isso.

— *Não é nada especial de assistir. Só acontece.*

Ela agitou sua cabeça.

— A sua visão de interessante e a minha não combinam, obviamente.

— *Certo. Eu despertarei você.*

— Prometa?

— *Sim.*

Ela se aconchegou ao lado dele.

— A transformação é repulsiva?

— *Não.*

— Bom.

— *Você iria querer assistir mesmo se fosse, não é?*

— O que você acha? Eu sou uma veterinária, assim como você... repulsão faz parte do nosso trabalho.

Ele a aninhou e se sentiu muito bem.

— Você voltou só para ficar comigo?

— *Sim.*

— Isto é bom.

— *Você é minha companheira. É meu dever proteger você.*

Ela bocejou novamente, abraçando-o mais íntimo.

— Pare de tentar ser um asno tão duro. Eu não entendo tudo isto que está acontecendo aqui, mas você podia ter me vigiado de fora da cabana. E ontem à noite você fez amor comigo como se quisesse fazê-lo. Aqueles fatos dizem algo sobre seus sentimentos por mim, mesmo que você seja estúpido ou obstinado demais para ver isto. Ou ambos.

Ele fez um som de frustração que foi suprimido pelo rosnando mais assustador que ela já ouvira.

Ela se sentou ereta olhando em direção à janela novamente. Outro lobo estava lá. Este muito maior que Ty e parecendo malvado. Seus olhos tinham aquela mesma qualidade humana que a de seu amante, mas eles estavam cheios de um repúdio que ela nunca vira nos olhos de Ty.

Ele saltou para fora da cama, pondo-se entre ela e a janela. Ele rosnou em uma inconfundível advertência ao outro lobo.

O lobo latiu de volta e então mordeu e mostrou seus caninos.

— O que está acontecendo, Ty? — Ela exigiu em uma voz que não conseguiu manter firme.

— *O líder do bando não está feliz com nosso acasalamento.*

— Você disse que ele teria que aceitar isto. Que não existia nenhuma outra opção.

— *Não existe.*

Mas as palavras não soavam como verdadeiras. Elas soavam desesperadas.

King latiu ferozmente e ela vacilou embaixo da colcha.

— Não minta para mim, nem mesmo para me proteger. Eu tenho o direito de saber o que está acontecendo. Ele parece querer rasgar minha garganta.

A atenção de King mudou de Ty para ela e a grande cabeça acenou. Ele desapareceu da janela e ela se sentou com o medo paralisando-lhe, não entendendo o que aquilo queria dizer. Um segundo mais tarde, o som inconfundível da abertura de porta da frente podia ser ouvido e então King entrou no quarto.

Seu corpo humano desnudo cintilou pálido no luar.

Ty rosnou novamente, movendo-se como um borrão escuro colocando-se entre eles novamente, seus músculos tensionados preparados para pular.

King ignorou seu filho e sua própria nudez, mantendo sua atenção somente nela.

— A lei do bando declara que até você morrer, meu filho estará acasalado.

— Então você quer me matar? — Ela perguntou, seu corpo tremeu com a implicação das palavras do grande homem.

— Você prendeu meu filho em um acasalamento que ele não queria.

Ty latiu e soou como se estivesse discordando, mas ela não podia ter certeza.

— Eu não sabia. — Era tudo que podia pensar a dizer.

De repente outro lobo saltou pela janela, aterrissando apenas a alguns metros de Ty e ela gritou. Ela colocou a mão na boca antes que outro som saísse, assim que ela reconheceu Duque, mas aquele reconhecimento não lhe deu nenhum conforto. Ele estava aqui para ajudar seu pai a livrar-se da complicação não desejada na vida de Ty?

— Ele disse que o deixasse sozinho. — King a acusou.

— Ele fez amor comigo como se não conseguisse ter o suficiente. — Ela respondeu, sabendo que somente a pura verdade teria uma ponta de esperança para salvá-la agora.

Ty não podia ganhar contra os dois.

— Se você a tocar eu abandono o bando e nunca mais voltarei. — Uma voz feminina soou da entrada.

A mãe de Ty estava ali, em forma humana também.

King se girou para enfrentá-la.

— Que diabos você está dizendo?

— Eu observei você impor a justiça do bando no seu melhor amigo, um homem que você amava como irmão, porque ele tinha quebrado as leis do bando. Eu odiei isso... E te odiei por um tempo depois que você fez isso, mas eu entendi a justiça. Tem sido desse jeito por milênios. Mas o que você está propondo não é justiça, é assassinato — e você terá que passar por mim e pelo seu filho para fazê-lo.

— Ela o enganou levando-o ao acasalamento; Ela tem que responder por isso.

— Ele não contou a verdade para ela embora ela o amasse. O que você esperava, King? Ela precisa dele tanto quanto eu sempre precisei de você. Eles fizeram amor. Como aconteceu não é tão importante quanto o fato de que aconteceu. Eles estão acasalados e você não tem nenhum direito de desfazer esse acasalamento só porque isso te enraivece.

— Ela é uma humana.

— Da mesma forma que parte de você também é, mesmo você querendo esquecer disso.

De repente, Frankie percebeu que ficando na cama, agachada, ela só alimentava a má impressão de King sobre ela. Então, ela se levantou, mas Ty não a deixava chegar próximo de King.

Ela olhou para ele, seus próprios olhos cheios de um amor que ela não sabia se algum dia ele aceitaria.

— Eu não tenho medo de seu pai.

— *Você devia ter. Minha mãe não está exagerando. Ele matou seu melhor amigo por quebrar a lei do bando.*

— Você viu? — Ela perguntou.

— *Sim.*

— Você pode ouvir meu filho em sua cabeça? — Carolyn perguntou.

Frankie olhou para ela.

— Sim. Ele disse que companheiros podiam fazer isto, às vezes.

— Companheiros sagrados, sim. — Ela girou para o marido. — Ela poderia estar grávida de seu neto agora mesmo. Você não vai machucá-la.

King olhou para Frankie.

— Carolyn acredita que você ama Ty.

— Eu amo.

— Eu não matarei meu próprio filho por quebrar a lei do bando se você for embora e ele não suportar a solidão. Eu a matarei primeiro.

As palavras eram dirigidas para assustar, mas elas não a assustaram em hipótese nenhuma.

— Eu não sou a pessoa que tem estado correndo de uma relação entre nós dois pela última década.

King não disse nada. Ele simplesmente girou e foi embora.

Carolyn sorriu para Frankie.

— Bem-vinda à família. Rose e eu nos divertiremos tanto planejando o casamento, e não se preocupe com King. Ele amolecerá quando seus netinhos vierem.

Frankie não soube o que dizer, então ela disse: — Uh... obrigado.

Então Carolyn se foi também.

Ela girou para Duque.

— Você quer me matar também?

Ele agitou sua cabeça de lobo, ela pensou que ele dissera algo para seu irmão pelo retesar do corpo de Ty e então Duque desapareceu pela janela.

Ela tremeu quando percebeu que não o viu se aproximar, Ty a cutucava por trás, empurrando-a em direção à cama.

— *Você precisa voltar para debaixo das cobertas. Você ainda precisa dormir.*

— Eu acho que não conseguiria depois da onda de adrenalina que eu acabei de ter. Sua família certamente tem um modo interessante de dar boas-vindas a uma pessoa.

Ty fez aquele som de lobo novamente que emulava humor e subiu na cama com ela, assim ele podia abraçá-la como antes.

— *Você está segura agora. Você pode não ter percebido, mas meu pai realmente pôs seu selo de aprovação no acasalamento.*

— É disso que se tratava tudo isso? — Ela perguntou em tom de gozação, seu batimento cardíaco finalmente acalmando-se um pouco.

— *Sim. E Duque nunca teve a intenção de machucar você. Ele estava aqui para lutar ao meu lado se eu precisasse.*

— Ele teria lutado contra seu pai com você?

— *Sim.*

— Mas ele não gosta de mim mais do que King o faz agora.

— *Ele gosta de você o suficiente.*

Ela bufou.

Ele a aninhou.

— *Sem mais conversa. Durma, querida, você vai precisar disso depois que a lua baixar.*

Lembrando o que ele queria fazer quando retornasse a sua forma humana, ela achou que ele poderia estar certo e fez seu melhor.

Ty deitado ao lado de sua adormecida companheira, saboreou sentir seu corpo morno contra sua pele, seu odor e o som que ela fazia quando respirava. Ela era completamente humana e ainda assim ela intrigava os sentidos de seu lobo como nenhuma *femwolf* jamais o fizera.

Ela também o desafiou de um modo que poucas fêmeas de sua espécie haviam tido a coragem para fazê-lo. Ela o chamara tanto de obstinado quanto estúpido e ele teve que perguntar-se se ela não estava certa. Ele recusou reconhecer seus sentimentos antes por conta de sua determinação de não acasalar com uma humana, mas aparentemente não era mais muito útil esconder a verdade.

Ele amava Frankie.

Ele sempre a amou e Deus o ajudasse, ele sempre iria. Ela era mais do que sua companheira sagrada, mesmo sendo milagroso o suficiente. Ela era a companheira de seu coração e ele nunca poderia ter acasalado com Olivia em sua pele por causa disto.

Ele só podia esperar que a habilidade de Frankie de concretizar esse relacionamento na igreja fosse maior com ele do que tinha sido com seu ex-noivo.

Ele esperou até logo antes da mudança para acordá-la.

Ela despertou alerta imediatamente e sentou-se para assistir com a atenção que ela sempre dava aos seus estudos.

Ele sentiu a mudança se apossar, e ele soube o que ela estava vendo. Nada. Num minuto ele seria um lobo e no próximo um homem. A mudança podia ser mais longa, ele podia até parar parte do caminho já que agora ele tinha o controle disto, agora que ele estava acasalado. Mas essa não era hora para ele ficar brincando com seu novo controle sobre sua outra natureza.

Ela ofegou enquanto ele tomava sua forma humana e então gritou em choque quando ele a alcançou e a agarrou contra ele.

Ele se doera por poder tocá-la assim a noite toda.

— Como você se sente? — Ele perguntou, apenas para controlar seus impulsos primitivos.

Ela sorriu, seus olhos se encheram com um calor que derreteu os lugares mais glaciais dentro dele.

— Como: “Eu quero você”.

Ele foi cuidadoso em excitá-la antes de tomá-la. Tão cuidadoso que ela estava implorando por sua posse quando ele a tomou. Eles chegaram juntos novamente, o milagre de seu prazer compartilhado transpassando por ele com uma força poderosa que ele não tinha mais qualquer desejo de negar.

Desta vez, ela o deixou tomar banho com ela e os dois estavam muito limpos e muito satisfeitos quando saíram da banheira de pés de garras.

Ela estava fritando guisado de carne em conserva enquanto ele abria uma lata de pêssegos para o café da manhã quando ela perguntou:

— Então, o que Marigold fez para Leah deixar a cidade e Duque odiá-la como a um veneno?

Ele não gostava de ter que dizer a ela sobre o comportamento de sua prima, mas ele prometeu.

— Você sabe que um *werewolf* só acasala uma vez, certo?

— É isso que você me disse ontem, mas seu pai implicou que se um companheiro morre, o sobrevivente pode acasalar novamente.

— Isto é verdade, mas uma vez acasalado, é por toda vida.

— Eu entendi essa parte.

— Bem, quanto mais próximo nós estamos da mudança, mais nossos lobos ficam no controle.

— Isso faz sentido eu acho.

— O primeiro instinto do lobo é acasalar e procriar.

— Bem, vocês todos certamente não cedem a isso se vocês estiverem por perto de alguma coisa.

— Não, nós não fazemos. Nós sabemos que a decisão é irrevogável, então nós somos cuidadosos ao fazer a escolha certa.

— Entendo.

— Mas nós temos um prazo. Pelo menos nossa raça tem.

Raça? Oh, uau... havia tanta coisa que teria que se acostumar.

— O que você quer dizer?

— Se um macho de minha raça não se acasala pela idade de trinta anos, ele nunca controlará sua mudança.

— E as fêmeas?

— As coisas são um pouco diferentes para elas. O acasalamento em qualquer época das *femwolves* lhes dá o controle da mudança depois dos vinte anos.

— Não existem limites de hora certa para elas?

— Não.

— Isso parece realmente estranho.

Ele encolheu os ombros.

— É só o modo como Deus fez nossa raça.

— Certo... volte para Duque.

— Marigold sabe de tudo isso e ela também sabe que o odor de uma fêmea ovulando porá um *werewolf* em um frenesi luxurioso. Sua necessidade de acasalar se tornará incontrolável.

Frankie girou para enfrentá-lo, sua expressão horrorizada.

— O que você quer dizer?

— É muito simples. Um *werewolf* macho confinado com uma fêmea não acasalada e ovulando tentará acasalar. Sua única esperança é que ela diga não, mas mesmo assim... é incerto. Nós somos cuidadosos em ficar longe desse tipo de situação quando podemos.

— Você quer dizer uma *femwolf* ovulando, certo?

— Ou humana.

Ela empalideceu.

— E Marigold...

—.... Pegou Duque em um quarto sozinho perto de sua mudança e no tempo certo do mês para ela. Para adicionar algum incentivo, ela estava totalmente desnuda.

— Ele acasalou?

— Não, mas ele estava bem perto de fazê-lo e sua mão estava entre as pernas dela quando Leah os encontrou.

— Oh, minha nossa. Não me admira ela tenha partido!

— Ela não entendeu.

— Ela sabe sobre ele ser um *werewolf*?

— Sim, mas eu acho que ela não sabe sobre a outra parte.

— O domínio do desejo para acasalar com qualquer fêmea que esteja ovulando?

— Certo.

— Pobre Leah.

— Pobre Duque. Ele conseguiu mandar Marigold embora, mas era muito tarde para consertar as coisas com Leah. E ele terá trinta em alguns meses.

— Se Leah não voltar... ele será um não acasalado então?

— Sim.

— Porque ele prefere tê-la do que ter o controle da mudança?

— Sim.

— Ele deve realmente amá-la.

— Eu penso que sim, entretanto do jeito que ele está agora, ele não pode encará-la.

Frankie voltou para o fogão, com seus ombros tensos. As maneiras excêntricas de Marigold devem realmente tê-la chateado. Uma fungada traidora lhe disse que ela estava chorando e ele atravessou o cômodo em uma única batida de coração.

Ele desligou o fogão e a puxou para olhar para ele.

— Qual é questão? Foi o que Marigold fez?

Frankie agitou sua cabeça, seu rosto uma máscara de tragédia.

— Foi o que eu fiz. — Ela disse com uma voz cheia de dor.

— O que você fez?

— Eu estuprei você... ou algo parecido.

— O que?

— Eu estava ovulando... em calor. Eu sou veterinária. Eu sei que tipo de efeito uma fêmea em calor pode causar em um macho de sua espécie. Você estava perto de sua mudança... seus instintos de lobo estavam no controle. Você disse que eu fosse, mas eu não escutei. Eu pensei que isso significava que você me queria apesar do que você dizia, mas agora eu sei a verdade. Eu poderia também ter segurado uma arma de fogo contra a sua cabeça e forçado você a fazer sexo comigo. — Ela se rompeu de seus braços e correu para o banheiro, onde bateu e trancou a porta.

Ele correu logo atrás dela, incapaz de entender os funcionamentos da mente feminina. Ele bateu na porta.

— Abra, Frankie.

Ela não respondeu, mas ele podia ouvi-la soluçando através da porta.

— Nós precisamos conversar, Pequeno Pedaco. Você me entendeu errado.

Suas palavras não encontravam com nada além do som de seu pesar.

Merda. Ele tinha ferrado tudo, ele devia ser um profissional nisto. Ele tinha que chegar até sua companheira. Ele não podia suportar o som de suas lágrimas.

— Afastese da porta, Pequeno Pedaco.

Sua audição superior pode discernir que nenhum movimento foi dado no outro lado da porta, mas então houve uma pancada e um som correção.

Ela estava sentada contra a porta no chão.

Agora, o que ele deveria fazer? Ele não podia derrubar a porta com ela no outro lado. Então ele lembrou da outra porta. O banheiro abria para o quarto e para a sala de estar.

Ele foi quietamente para o quarto e abordou a porta. Ele tentou a maçaneta, mas ela a tinha bloqueado também.

— Você ainda está contra a porta, Frankie?

Ela não respondeu, mas ele pôs sua orelha contra a madeira e não ouviu nenhuma batida de coração no outro lado.

Ele chutou, um golpe rápido contra a maçaneta e a porta balançou para dentro. Ela estava sentada no chão, amontoada como uma bola e soluçando como se seu coração estivesse quebrado.

Provavelmente estava e era sua culpa.

Ele juntou-se a ela no chão, puxando-a sobre seu colo acima de seus protestos.

— Vamos deixar uma coisa clara: você não me estuprou.

— Eu o fiz! Não me admira que seu pai estivesse furioso comigo. Ele tinha todo o direito. Eu mereço ter que casar com um homem que não me ama. Estupradores tem que ir para a prisão. Eu acho que minha sentença é prisão perpétua.

— O casamento comigo não é uma prisão. — Ele rosnou, ofendido.

— Não, mas ele será para você, não é? Você não chegou a escolher. — Ela começou a chorar novamente energeticamente.

— Você não me estuprou, maldição.

— O que você chamaria isto? — Ela exigiu entre soluços. — Você me disse que um *werewolf* não podia se controlar perto de uma fêmea em calor.

— Eu disse que o desejo para acasalar é *quase* incontrolável.

— Mas você estava realmente estava com raiva de mim ontem e agora eu entendo por quê. Era tudo minha culpa! Realmente era. Oh, nossa... e eu pensei que você estava fugindo da responsabilidade. Você nunca fez isso em todo o tempo em que eu te conheci.

— Não. Oh, bebê... eu sinto muito. Eu estava louco e eu disse coisas que eu não devia ter dito por que eu fico estúpido e teimoso quando eu estou bravo.

Ela agarrou seu ombro e tentou agitá-lo.

— Você nunca mentiu para mim. Não comece agora.

— Eu não estou. — Ele tinha tudo menos esquecido o quão Frankie era irracional quando entrava no modo de culpabilidade.

— Lembre-se que eu disse a você que Duque não acasalou com Marigold. Ela estava ainda em calor quando Leah foi embora, mas ele foi. Da mesma forma que eu poderia ter ido deixado de você... se fosse isso o que eu realmente quisesse.

— Não. Eu não te dei chance.

Ele teria que dizer a ela sobre Olivia e esperava que isto ajudasse, em lugar de machucá-la.

— Olivia também estava em calor.

Ela olhou para ele com seus olhos cinza água de chuva.

— Ela estava?

— Sim, mas eu não tive nenhum desejo de acasalar com ela.

— Nenhum? Eu não acredito em você. Você disse que queria casar com ela.

— Eu pensei que nós tínhamos concordado que eu não minto para você.

— Então você realmente não quer se casar comigo. Você disse isso.

— Eu não estava mentindo para você então, eu estava mentindo para mim mesmo.

Ela agitou sua cabeça.

— Olivia...

— Era outro momento de idiotice para mim. Eu nunca realmente a cortejei, mas planejei acasalar com ela. Ela estava em calor e eu sabia disto. Ela também. Ela teria buscado um companheiro se ela corresse com o bando, ela não poderia evitar, e eu planejei ser o companheiro que ela acharia. Mas quando nós a vimos no rancho a única fêmea que eu quis era você.

— Você iria usar os impulsos dela contra ela?

— Ela teria tido uma escolha.

— Mas você acabou de dizer...

— Até em nossas formas de lobo, nossa humanidade existe. Se ela realmente quisesse evitar um acasalamento, ela podia ter feito. De fato, ela fez.

— É por isso que ela insistiu em viajar.

— Sim. Ela planejou correr sozinha.

— Isto é seguro?

— Depende de para onde ela correu. Eu estou certo que ela escolheu cuidadosamente para onde iria, mas esse não é o ponto agora. O ponto é, *eu fiz amor com você porque eu queria você*. E você é minha companheira porque é para ser desse jeito.

— Se isto é verdade então por que você estava tão contra acasalar com uma humana? Por que você estava tão furioso esta manhã quando me disse que nós teríamos que ficar juntos para sempre?

Ele explicou sobre a lei do bando e ver um homem tão próximo dele como um tio ter sua garganta rasgada por King.

— Isso deve ter sido horrível.

— Foi, e isso me fez ficar determinado em nunca arriscar a me pôr naquela posição. King quis que aquilo servisse de lição para mim e Duque, e funcionou.

— Um pouco bem demais. Você simplesmente assumiu que se nós acasalássemos, eu iria embora algum dia? Isso é ridículo.

— O risco estava lá. — Ele viu tantas relações humanas terminarem, até mesmo naquelas que o casal afirmava se amar mais do que a vida.

Ele passou todo o colegial vendo casal atrás de outro fazer sexo, dizer que se amavam e depois acabar partindo para outra pessoa. Quando ele foi para a faculdade, ele estava totalmente convencido que afeto entre humanos era algo muito precário. Quando ele ficou mais velho, ele viu relações mais duradouras, mas sua mente já estava fixa.

Ela olhou fixamente para ele como se ele tivesse ficado louco.

— Eu passei dez anos amando você. Você honestamente pensa que vai acabar um dia? Algum dia? Se eu pudesse ter superado você, eu teria. Acredite-me.

Ele não gostou de ouvir isto e apertou seu aperto contra ela.

— Você esteve noiva de outro homem.

— Depois que você me disse que nós nunca seríamos mais que amigos. Eu tentei amá-lo.

— Você fez sexo com ele.

— E isso realmente te incomoda, não é?

— Inferno, sim.

Ela o beijou no tórax, generosamente, diferentemente da véspera.

— Foi malditamente sua culpa.

Infernos. Ele não a empurrou a cama de outro homem.

— Como você pode pensar isso?

— Eu te disse. Eu estive noiva de outro homem tentando superar meu amor por você. Eu fiz amor com ele pela mesma razão. Não foi justo com ele. Machucou-me, mas você pode relevar isso se te incomoda, porque você não devia ter me rejeitado em primeiro lugar. Você já me amava naquela época, não? Mas você era muito teimoso para admitir isto.

Não havia porque negar isso agora, mesmo que ele tivesse se cegado sobre isso.

— Sim.

Ela ficou completamente calada, seus olhos cinza se abriram com vulnerabilidade.

— Diga isto novamente.

— Eu amei você antes. Eu amo você agora. Eu amarei você amanhã e todos os dias seguintes.

As palavras eram surpreendentemente fáceis de dizer, e ele finalmente percebeu que elas deviam ter sido ditas muito tempo atrás.

Ele teria salvo a ambos de muita aflição.

Ela começou a chorar novamente, mas ela estava abraçando-o e o beijando-o. — Eu amo você também. Tanto. Oh, Ty, eu pensei que eu iria morrer se eu tivesse que deixar você ir.

— Você nunca terá que me deixar ir novamente e você pode ter certeza que eu nunca vou deixá-la.

— Por causa da lei do bando?

Ela perguntou, chocando-o com sua incerteza.

— Porque eu preferiria enfrentar a lei do bando do que viver sem você. Eu te amo. — Ele enfatizou.

Ela sorriu e era como o sol que raiava depois da chuva.

— Eu amo você, também. Tanto, Ty, tanto.

Finalmente, ele acreditou nela.

— Eu tenho sido estúpido.

— Mas não mais.

— Não, não mais. — E ele tinha toda a vida para provar isto para ela.

Duque levou até o dia seguinte para conseguir tirá-los da cabana. Ele os levou de volta ao rancho, assumindo corretamente que Ty não deixaria Frankie em nenhum outro lugar que não fosse com ele em seu ninho.

Eles planejaram um casamento no Natal e ela disse que pretendia ter certeza de que Leah fosse uma das convidadas.

Ele não disse a Duque, porque seu irmão podia fazer um estrago caso soubesse sobre sua companheira de coração.

Ty nunca tinha estado mais feliz e surpreso de como ele obstinadamente havia rejeitado aquela felicidade. Ele não podia acreditar que tinha sido capaz de rejeitar Frankie há seis anos, mas ele nunca mais a rejeitaria.

Ela era sua e ele era dela.

Como ele havia dito a ela... *werewolves* acasalam por toda vida e mesmo quando acontecia com humanos como sua esposa, eles também o faziam.

Ele era um lobo sortudo.